

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP / COGEAE

Enio Everton Arlindo Vieira

Do Cristianismo à Eugenia
A Reinterpretação de Hans Staden por Monteiro Lobato

SÃO PAULO

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP / COGEAE

Enio Everton Arlindo Vieira
RA00163232

Do Cristianismo à Eugenia
A Reinterpretação de Hans Staden por Monteiro Lobato

Monografia apresentada para obtenção do título de especialista em Fundamentos de uma Educação Para o Pensar pela COGEAE/PUC, sob orientação da professora Sonia Aparecida Ignacio da Silva.

SÃO PAULO

2017

Agradecimentos

Agradeço este trabalho a todos que me auxiliaram ao longo da minha carreira acadêmica, em especial à professora Sonia Aparecida Ignacio Silva, pela disponibilidade e sugestões.

Ao professor Geraldo Alves da Universidade Nove de Julho, que me introduziu aos estudos da obra de Monteiro Lobato em uma perspectiva histórica.

Aos companheiros de sala do curso de Fundamentos de Uma Educação Para o Pensar, pelo tempo que passamos juntos.

Resumo

Essa pesquisa tem como objetivo analisar, do ponto de vista do materialismo histórico e dialético, a reinterpretação da obra *Viagem ao Brasil* (também lançada com o título de *Duas Viagens ao Brasil*) do aventureiro alemão Hans Staden, recontada por Monteiro Lobato e lançada originalmente em 1926 com o nome de *Aventuras de Hans Staden*. A releitura de Lobato para o livro de Staden, assim como vários outros livros do autor paulista, foi - e ainda é - utilizada em escolas de todo o Brasil, e por isso a sua relevância em estudar esta obra, ainda que não seja uma de suas obras originais, como várias outras histórias lançadas por Monteiro Lobato, tal qual histórias do folclore brasileiro, ou outros clássicos da literatura universal, como mitos greco-romanos, ou ainda Dom Quixote de La Mancha. Ao reescrever a obra de Hans Staden, Monteiro Lobato adapta a obra a seu tempo. Se o primeiro autor justifica suas vitórias à superioridade de sua religião em relação aos indígenas, Lobato ressignifica tais vitórias à luz de seu tempo, dando margem às suas crenças eugênicas e exaltando uma suposta superioridade de Hans Staden em matéria de conhecimentos técnicos, devido à sua origem europeia. Utilizando-se da vasta biografia sobre a vida de Monteiro Lobato e, principalmente, das diferentes versões da obra de Hans Staden, este trabalho busca compreender como - e por quê - Lobato utilizou-se da obra de Hans Staden para divulgar seus ideais eugênicos, tentando justificar uma suposta superioridade do homem branco em relação aos povos originários do território brasileiro, reforçando alguns dos estereótipos indígenas que ainda acompanham o imaginário de nossa sociedade atual.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Hans Staden; eugenia.

Abstract

This research aims to analyse, from the point of view of historical and dialectic materialism, the reinterpretation of the book *Viagem ao Brasil* (also published by the name of *Duas Viagens ao Brasil*) from the German adventurer Hans Staden, which was recounted by Monteiro Lobato and was originally published in 1926 under the name of *Aventuras de Hans Staden*. Lobato's retelling of Staden's book, as well as several other books by this author from São Paulo, was - and still is - used in schools all over Brazil, and therefore its relevance in studying this work, even if it is not an original work, just like several others stories released by Monteiro Lobato, such as stories of the Brazilian folklore, or other classics of universal literature, such as Greek-Roman myths, or even Don Quijote de La Mancha. In rewriting Hans Staden's, Monteiro Lobato adapts it to his own historical period. If the first author justifies his victories over the Brazilian native due to the superiority of his religion, Lobato re-signifies such victories in the light of his time, giving way to his eugenic beliefs and praising Staden's supposed superiority concerning his technical knowledge and his European origin. Using the vast biography on the life of Monteiro Lobato and, mainly, of the different versions of the work of Hans Staden, this writing tries to understand how - and why - Lobato used the work of Hans Staden to spread his eugenic ideals, trying to justify an alleged superiority of the white man in relation to the native peoples of the Brazil, reinforcing some of the indigenous stereotypes that still follows the imaginary of our current society.

Keywords: Monteiro Lobato; Hans Staden; eugenics.

Sumário

Introdução.....	6
Capítulo 1: A escolha de uma obra.....	9
1.1 - Por que reescrever Hans Staden?.....	9
1.2 - Lobato eugenista.....	16
Capítulo 2: A resignificação da obra.....	22
2.1 Papel dos personagens.....	22
2.2 Autocitações e adaptações.....	29
Capítulo 3: Ratificando preconceitos.....	37
3.1 Visão dos indígenas.....	37
3.2 Justificando a colonização.....	48
Considerações finais.....	56
Referências.....	58

Introdução

A literatura de uma época nos dá uma ideia de quais eram os valores compartilhados pelas pessoas, sejam elas cientistas ingleses liberais, lordes escritores, ou jornalistas e editorialistas de uma jovem república (majoritariamente) ao sul do Equador.¹

Monteiro Lobato é uma figura que dificilmente causa indiferença. Para alguns, um dos maiores - senão o maior - autor infantil da história brasileira; para outros, um homem abertamente preconceituoso e conservador, que se utilizou de artimanhas comerciais para doutrinar um público infantil. Independente da opinião pessoal é notável que o autor de Taubaté segue sendo, mesmo após se passar quase setenta anos de seu falecimento, tão polêmico quanto midiático, tendo suas obras ainda adaptadas para a televisão, e sendo exaustivamente estudado em âmbito acadêmico, não apenas por suas polêmicas, mas sobretudo por seu caráter inovador de escritor infantil.

Ele praticamente inaugurou um novo campo de atuação literária e conquistou uma posição hegemônica inabalável, e até os dias de hoje ainda não se apresentou um rival à altura: a literatura infantil. Monteiro Lobato é considerado o inventor da literatura infantil brasileira, e, na posição de criador, dificilmente terá seu nome apagado na história desse gênero literário.²

Este trabalho nasce, primeiramente, do interesse pessoal deste que escreve, pois passei parte considerável de minha infância assistindo aos episódios televisivos d'*O Sítio do Picapau Amarelo*, e tinha entre meus livros preferidos de infância, títulos como *Caçadas de Pedrinho* e *Fábulas*, além de outras obras de Monteiro Lobato. Posteriormente, já durante o processo da graduação, estudando sobre os principais acontecimentos do período da História do Brasil, rotulado como "Primeira República" (de 1889 a 1930), redescobri Lobato à luz do contexto histórico e cientificista da época, utilizando-o como um guia para compreender melhor tal período. Também durante a

¹ BIZZO, Nélío. **Meninos do Brasil**: ideias de reprodução, eugenia e cidadania na escola. São Paulo: Editora do Brasil, 2012, p. 77.

² PASSIANI, Enio. **Na trilha do Jeca**: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil. Bauru, SP: EDUSC, 2003, p 79

graduação, descobri a figura de Hans Staden, personagem que tem me fascinado desde então, devido às situações que passou no território brasileiro, e suas ricas descrições dos primeiros contatos entre os europeus e os ameríndios.

Ao ler a obra de Hans Staden, e como Monteiro Lobato a interpreta, é possível perceber algumas diferenças entre elas, ainda que se trate da mesma história. Não se pretende aqui fazer uma análise literária dessas obras, mas sim compreender o contexto histórico em que cada uma foi produzida e, especialmente na releitura feita por Lobato, ou como a eugenia e o higienismo foram introduzidos em um livro que era originalmente carregado de referências católicas; e por outro lado discutir sua transformação em uma obra que visava o mercado escolar. Além disso, pretendo também entender a visão de Lobato para com os povos nativos do território brasileiro, e como o autor poderia ter fomentado preconceitos para com os indígenas que podem ter sido ainda mais amplamente divulgados, dado o caráter didático das *Aventuras de Hans Staden*. A investigação foi concentrada nessas duas obras e em uma vasta bibliografia sobre os dois autores, como também sobre a eugenia e a cultura indígena.

Como historiador, percebo que a eugenia ainda é um pensamento muito presente nos dias de hoje, quando ouço frases que justificam a exploração dos mais poderosos pelos mais fracos, tais como “só os mais fortes sobrevivem”, ou “é a lei da evolução”, e outras falácias presentes não apenas no discurso entendido como “senso comum”, mas também ao longo de *Aventuras de Hans Staden*, quando Lobato quer justificar o fato de Hans Staden ter, em várias situações do livro, enganado de alguma forma os indígenas. Esse discurso eugenista, adaptado de ideias darwinistas, serve para naturalizar as injustiças sociais em nome de uma evolução daqueles considerados por um determinado grupo social como “os mais aptos” – sendo geralmente o próprio grupo social de onde parte tal discurso. Como educador, creio que quebrar esse paradigma é não apenas uma tarefa árdua, mas uma atividade que exige muito estudo e reflexão. Este trabalho é apenas um pequeno esforço de combate a tal paradigma.

No primeiro capítulo, analisaremos as possíveis razões que levaram Monteiro Lobato, dentre várias obras sobre o Brasil colonial, a escolher o livro de Hans Staden para uma adaptação infantil, e como a história de um alemão que foi capturado por indígenas e escapou de ser devorado lhe serviu para o seu projeto educacional e de divulgação da eugenia no Brasil.

O segundo capítulo descreverá como o autor paulista utilizou uma obra cheia de referências religiosas - no caso, o catolicismo - e a transformou em uma obra eugenista, utilizando-se para isso das vozes dos personagens do *Sítio do Picapau Amarelo*, personagens estes que revelam muito das crenças e do ideal de sociedade brasileira para Monteiro Lobato, além de autor utilizar a voz destes personagens para promover seus próprios livros, fazendo uma promoção constante de si mesmo e de suas obras.

Por fim, no último capítulo procuramos demonstrar como *Aventuras de Hans Staden* ajudam a fortalecer vários preconceitos e/ou idealizações sobre os indígenas e o período do descobrimento do Brasil, dando força ao imaginário edênico de nosso país, além de demonstrar as frustrações de Lobato no que diz respeito à nossa colonização.

Capítulo 1

A escolha de uma obra

Este capítulo tem por objetivo compreender por que, dentre várias obras de diversos aventureiros que passaram pelo Brasil, Monteiro Lobato escolheu justamente a obra *Viagem ao Brasil* de Hans Staden, e como este livro se prestou ao projeto literário do autor vale-paraibano, pois lhe dava a possibilidade de incluir em sua reinterpretação as ideias eugênicas e higienistas de sua época.

1.1 Por que reescrever Hans Staden?

Ao longo de nossa História Colonial, diversos visitantes e “aventureiros” europeus passaram pelo território da América Portuguesa, explorando o então desconhecido Novo Mundo, e posteriormente escrevendo relatos do que, parafraseando Lilia Moritz Schwarcz,³ ouviram, viram e ouviram dizer sobre o Brasil. Enquanto os portugueses, fascinados pelo Oriente, pouco especularam sobre as terras do Brasil - Camões mesmo dedicou apenas quatro versos sobre os novos domínios americanos em *Os Lusíadas* - a literatura desses viajantes, sobretudo a francesa ou a traduzida para o francês, seria responsável por divulgar as terras e gentes americanas para o velho mundo.

Uma série de viajantes aportou no Brasil do século XVI aos inícios do século XIX, legando relatos variados sobre esse estranho e longínquo país, em especial acerca da natureza e de seus naturais, ora considerados detraídos, ora elevados em sua moral e costumes. É certo que, até a chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808, a entrada de estrangeiros esteve basicamente impedida ou limitada. No entanto, a proibição não evitou a vinda de religiosos, soldados, comandantes, corsários ou meros curiosos, que deixaram relatos passados avidamente de mão em mão.⁴

³ SCHWARCZ, Lilia M. **O Sol do Brasil**: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁴ SCHWARCZ, Lilia M. **Op. cit.**, p. 23.

Dentre esses viajantes, a autora destaca ao longo do primeiro capítulo de sua obra *O Sol do Brasil*, nomes como Pero Vaz de Caminha e sua famosa carta sobre o descobrimento, lançadora das bases do imaginário edênico brasileiro (que será melhor descrito mais adiante); Pero de Magalhães Gandavo, com sua famosa descrição dos indígenas como homens sem fé, sem lei e sem rei, devido à ausência dos fonemas com som de F, L e R na língua do gentio; André Thevet, frade franciscano que se ocupou, principalmente, de descrever a fauna e flora brasileiras; Jean de Léry, “pastor e membro da Igreja reformada de Genebra [...], talvez o autor quinhentista mais conhecido e copiado no que se refere à terra do Brasil”,⁵ e, finalmente, Hans Staden, artilheiro alemão que viveu prisioneiro dos tupinambás e obteve grande sucesso com seu relato, conhecendo quatro edições de sua obra no ano de seu lançamento, em 1557.

Mesmo sendo de grande riqueza para o estudo do período colonial, esses relatos devem ser lidos sempre com desconfiança, pois essas descrições redigidas nos séculos XVI revelam preconceitos, medos e expectativas dos colonos europeus que visitavam o Novo Mundo e sua gente, e sempre tinha a Europa como local de comparação automática, criando visões ora idealizadas, ou demonizadas das terras recém descobertas. Essas idealizações e demonizações serão apropriadas e ressignificadas por Monteiro Lobato, que ao mesmo tempo em que busca desfazer alguns desses paradigmas estabelecidos, acabará por reforçar outros.

É seguro afirmar que Lobato teve contato com ao menos duas das obras destes viajantes do Brasil Colonial: as de Hans Staden e de Jean de Léry. Antes de se aventurar a escrever obras originais, Monteiro Lobato foi um ávido leitor e exerceu diversas atividades relacionadas ao mundo literário até se sentir preparado para lançar seus próprios livros, tendo traduzido estas duas obras e publicado ambas por sua editora, a Companhia Editora Nacional, empresa “que durante muitos anos foi uma das maiores editoras brasileiras e publicou importantes autores nacionais e estrangeiros”.⁶

⁵ SCHWARCZ, Lília M. **Op. cit.**, p. 34.

⁶ HABIB, Paula. A. B. B. **Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou: raça, eugenia e nação.** Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003, p. 66.

O livro de Hans Staden seria publicado em 1925 enquanto a de Jean de Léry ganhou sua publicação no ano seguinte.

A estreita relação Monteiro Lobato e livros é algo muito anterior às atividades de ficcionista, editor, tradutor e crítico. Na verdade, é como leitor que durante a juventude ele sonha ser literato; na época em que atua no mercado editorial, seu faro de leitor é utilizado para perceber obras que serão sucesso entre público; enquanto tradutor, é o leitor que mergulha na obra de outrem para trazê-la para a língua de seu país; é ainda como leitor de textos infantis que sente a necessidade de uma literatura voltada para as crianças brasileiras.⁷

Não apenas isso, Spagnoli ainda detalha que a tradução da obra de Staden, nomeada *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*, foi lançada um ano antes das *Aventuras de Hans Staden*, adaptação infantil da mesma obra que veria sua primeira publicação em 1926. Se é evidente que o autor já estava em contato constante com a obra de Staden, isso não responde a uma questão: por que lançá-la em uma versão para crianças? Por que não lançar a obra de Jean de Léry? Sobre o livro de Staden, a primeira pista nos é dada pelo próprio Lobato, em um trecho escrito na introdução da edição digital do livro do aventureiro alemão, lançada sob o nome de *Dois Viagens ao Brasil*:

As aventuras de Robinson Crusoe constituem talvez o mais popular livro do mundo. Da mesma categoria são estas de Hans Staden. Se as de Robinson tiveram a divulgação conhecida, proveio de passarem às mãos das crianças em adaptações conforme a idade, e sempre remozadas no estilo, de acordo com os tempos. Com as de Staden tal não sucedeu - e em consequência foram esquecidas. Quem lê hoje, ou pode ler, o livro de Defoe na forma primitiva em que apareceu? Os eruditos. Também só os eruditos arrostam hoje a leitura do original das aventuras de Staden. Traduzidas ambas, porém, em harmonia moderna, toante com o gosto do momento, emparelham-se em pitoresco, interesse humano e lição moral. Equivalem-se. Anos atrás tivemos a ideia de extrair do quase incompreensível e indigesto original de Staden esta versão para as crianças - e a acolhida que teve a primeira edição, bastante larga, leva-nos a dar a segunda.⁸

⁷ SPAGNOLI, Camila R. de A. **Monteiro Lobato, o leitor**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Identidades Brasileiras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014, p. 25.

⁸ STADEN, Hans. **Dois Viagens ao Brasil**: primeiros registros sobre o Brasil [recurso eletrônico]. Porto Alegre: L&PM, 2011, p. 04. A citação foi extraída da introdução da versão digital do livro, escrita por Eduardo Bueno, que utiliza este trecho escrito por Lobato, sem maiores explicações de onde extraiu o escrito original.

A comparação da obra de Hans Staden com a de Daniel Defoe⁹ não é gratuita, pois foi outra das várias obras da literatura clássica universal que Lobato traduziu e lançou por sua editora. Ambos Crusoé e Staden ficaram presos em locais desconhecidos da América do Sul devido a um naufrágio, e ambos tiveram contato direto com um nativo do local onde naufragaram (ou vários nativos, no caso de Staden). Em ambas as histórias os personagens vivem diversas aventuras, e adaptar a história de um alemão que viveu entre os indígenas do Brasil durante o período colonial, atende a uma das facetas do projeto literário de Lobato, de proporcionar um conhecimento maior do Brasil, sua História e seus povos.

A proposta estética de Lobato está intimamente associada ao seu projeto literário: para ele, a literatura (e a arte em geral) permitiria um mergulho na realidade nacional e tornaria possível criar uma verdadeira consciência sobre o país, com todas as suas mazelas e potencialidades. Portanto, incorporar a linguagem coloquial, os regionalismos, tornar nosso folclore um tema literário e artístico significava conhecer a fundo o Brasil [...]. O projeto literário lobatiano respondia em larga medida a uma demanda social e histórica que a Academia Brasileira de Letras (ABL) não era, naquele momento, capaz de responder.¹⁰

Além disso, considerando fatores financeiros, ao lançar versões diferentes de dois títulos iguais - uma adulta e outra infantil - Lobato não apenas atendia à demanda social de conhecimento do Brasil para diferentes faixas etárias, mas também atuava em duas frentes comerciais - a de editor e a de escritor - e pensava, portanto, no lucro que poderia obter de pais leitores/consumidores que, ao lerem a versão adaptada para seus filhos, ficariam curiosos de compará-la com a original, comprando assim as duas obras. Seu projeto editorial, muitas vezes “vinculou temas e pontos de vista expressos em seus livros para adultos e crianças”¹¹, lançando livros com temáticas similares para seus diferentes públicos. Ademais, Lobato entendia o livro não apenas como uma expressão literária, mas também uma mercadoria que “deveria estar na mesa e ser

⁹ DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoé**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

¹⁰ PASSIANI, Enio. **Op. cit.**, p. 71.

¹¹ HABIB, Paula. A. B. B. **Op. cit.**, p. 128.

consumido pelo maior número possível de brasileiros”¹², buscando atrair não apenas um público, mas vários públicos diferentes, pois tinha como objetivo atingir uma massa de não-leitores, praticamente criando um campo editorial no país.

Lobato publicava a si mesmo e contribuía duplamente para sua própria consagração [...]. Com sua editora, Lobato não só transformou o sistema de distribuição e venda do livro, bem como seu aspecto gráfico e a política de publicação, mas influiu profundamente no processo de profissionalização dos escritores [...]. Lobato liberta, portanto, vários escritores do jugo dos antigos editores e, importante atentar, a si mesmo; com isso pode editar seus próprios livros com o cuidado que achava que mereciam, que ia desde a preparação gráfica até a elaboração das estratégias de propaganda e venda. Possivelmente, se o Lobato-escritor dependesse de outros editores, seus livros talvez não fossem alvo da diligência consentida pelo Lobato-editor, e quem sabe, sua repercussão não teria sido tão estrondosa. De um lado, Lobato foi o editor zeloso de outros escritores, e, de outro, foi o anjo da guarda dele mesmo. Dessa maneira garantia, pelo menos num certo grau, sua consagração como editor e como escritor.¹³

Lucilene Alcanfor aponta como o agudo senso comercial de Lobato o levava a se aventurar pelo mundo de produção de livros infantis, e seu modo de escrever, utilizando uma linguagem moderna e despojada; tal estratégia não só foi uma novidade para o público infantil brasileiro do início do século XX, garantindo-lhe o grande sucesso entre as crianças, mas gerou grande controvérsia no meio social em que circulavam¹⁴. A autora aponta que devido às mudanças sociais ocorridas no Brasil ao fim da década de 1920 e ao longo da década de 1930, surgiram novas concepções de infância e também de ensino e Lobato participou ativamente do desenvolvimento do mercado editorial de então, fomentando novas práticas de leitura e conquistando novos leitores através de diversas inovações.

A diferença de suas obras para as dos escritores da mesma época estaria não tanto no plano do conteúdo transmitido, mas no modo como essa transmissão ocorre, o que já é consequência de uma atitude

¹² PASSIANI, Enio. **Op. cit.**, p. 205.

¹³ PASSIANI, Enio. **Op. cit.**, pp. 137-138.

¹⁴ ALCANFOR, Lucilene R. **Produção e circulação das obras didáticas de Monteiro Lobato**. Dissertação (Mestrado em História, Política e Sociedade). São Paulo: PUC-SP, 2010, p. 41.

radicalmente diferente mediante o leitor, ou seja, a de quem considera a criança não como objeto a moldar, mas como sujeito a educar.¹⁵

Aqui temos uma informação importante. Se Lobato considerava a criança um “sujeito a educar”, quais valores seus livros – especificamente as *Aventuras de Hans Staden* - passam a seus leitores? Ao escolher adaptar um livro no qual o protagonista - alemão, europeu, dono de conhecimentos distintos daqueles das tribos em que viveu e que, considerando o fato de haver sobrevivido às constantes ameaças de ser morto e devorado pelos indígenas, vitorioso, Lobato teve a oportunidade de justificar a sobrevivência de Staden à luz de suas crenças, em especial, a eugenia, que será mais detalhada na próxima seção.

Quanto ao outro livro de um viajante estrangeiro na América Portuguesa que foi traduzido por Monteiro Lobato, a obra de Jean de Léry, *História de uma viagem à terra do Brasil*, podemos apenas especular o porquê desta obra não ter ganhado - também, ou ao invés de Staden - uma versão para crianças. Léry fez parte do projeto de ocupação francesa dos territórios da América Portuguesa, a França Antártica, e seu livro fez um enorme sucesso ao ser lançado em 1578, contando com dez edições até 1611, e sendo traduzido ao latim. O francês se dedicou a descrever a natureza e os animais nativos, além de contar sua experiência ao conviver com os índios tupinambá.

Mas foram os nativos do Brasil que causaram maior impacto a Léry. Nus estão os homens e mulheres, e essa é a sua primeira anotação. No entanto, é só adiante no livro que ele passa a fazer generalizações sobre os selvagens. Mas, ainda quando o religioso pretende criticar, mais do que a descrição fria, transparece sua identificação com os nativos, a qual leva o leitor a simpatizar com eles [...]. Não obstante, o que parece produzir-lhe impressão é, novamente, o lugar da guerra e da vingança entre eles. E, mesmo nesse caso, por mais que critique, o autor confessa descobrir lógicas locais, além de estabelecer comparações com a maneira como os franceses fazem a guerra [...]. As explicações [...] de Léry identificam e põem em questão os valores de sua própria sociedade.¹⁶

¹⁵ ALCANFOR, Lucilene R. **Op. cit.**, p. 106.

¹⁶ SCHWARCZ, Lilia. **Op. cit.**, pp. 35-36.

Temos um dado que deve ser destacado sobre a obra de Léry, se quisermos entender sua atração em relação às crenças de Lobato: o fato de que Léry ao conviver com os indígenas, passa a questionar os valores europeus, o que, considerando o projeto eugenista de Lobato que será descrito adiante, não interessaria ao autor paulista, já que este, ao crescer no Vale do Paraíba e presenciar sua decadência, desenvolveu um ideal de trabalho baseado nos moldes europeus.

O fazendeiro Monteiro reconhecia a ausência de trabalhadores qualificados que viessem a preencher o mercado de trabalho que então se modernizava. A gradual desqualificação das relações escravocratas resultou, de forma indireta, em uma desvalorização do negro, marginalizando-o dos setores produtivos. O ideal de trabalho livre passou a ser associado à imagem do imigrante europeu, o que desfavoreceu significativamente à integração da mão-de-obra local.¹⁷

Mesmo quando Monteiro Lobato apura sua visão sobre o seu personagem mais famoso, o *Jeca Tatu*, ao dizer que este não consegue trabalhar não por preguiça, mas sim por doença, sua referência é que o caboclo poderia produzir “tanto quanto um imigrante europeu se não estivesse cheio de moléstias”.¹⁸ Em outras palavras, a referência e os valores de Lobato no que diz respeito à produtividade e trabalho - e também, como se verá adiante, no que diz respeito aos valores morais e comportamentais - era a sociedade europeia. Possivelmente Lobato não gostaria de ter seu nome atrelado a um livro que, além de apresentar-se como um manual de descrição de uma terra e povos ora desconhecidos - sem grandes aventuras ou reviravoltas na história - questionava os próprios valores da sociedade de Jean de Léry, valores admirados pelo autor vale-paraibano, mesmo que Léry tenha servido de referência para escritores que, segundo Camila Spagnoli, são elogiados por Lobato em suas cartas e escritos, como Montaigne e Rousseau.

A descrição da flora, da fauna e dos costumes dos tupinambás feita por Jean de Léry exerceu grande influência em filósofos como Montaigne, Rousseau e outros que formularam as teorias do “bom selvagem” e dos

¹⁷ RODRIGUES, Davidson de O. **Jeca Tatu e a urbe maravilhosa**. Campo, cidade e modernização nacional na obra de Monteiro Lobato (1900-1930). Dissertação (Mestrado em História). Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 70.

¹⁸ RODRIGUES, Davidson de O. **Op. cit.**, p. 79.

efeitos corruptores da civilização. Sua obra é, provavelmente, o testemunho estrangeiro sobre o Brasil mais divulgado desde o século XVI. Sua visão da natureza e dos índios foi uma das primeiras a serem transmitidas aos europeus, formando a sua opinião sobre a América.¹⁹

A obra de Hans Staden, comparada com a de Léry, é uma narrativa mais aventuresca, pois o alemão não simplesmente conviveu com indígenas, mas foi seu prisioneiro. Nas duas viagens que fez ao Brasil participou de guerras - e em nenhum momento de seu livro questiona moralmente a função dos conflitos bélicos dos quais participou, apenas os descreve - e, como se verá adiante, seu relato é cheio de reviravoltas histriônicas, sabendo se aproveitar de sua astúcia, a ponto de Staden se proteger “com estratégias que, por vezes, o transformou em senhor dos tupinambás, quando na verdade era escravo”²⁰ desses indígenas. Seguindo o projeto literário de Monteiro Lobato, podemos ver que um livro no qual um homem branco europeu, tido como ideal moral, físico e laboral, que subjuga os povos nativos brasileiros, se torna uma história bastante sedutora para uma divulgação dos ideais eugenistas.

1.2 - Lobato eugenista

Em sua obra *Raça Pura*, de 2015, a historiadora Pietra Diwan escreve sobre a propagação da eugenia no Brasil, tendo como maior expoente o médico Renato Kehl, o principal defensor e divulgador da eugenia em nosso país. Entendemos eugenia como um plano de atuação em várias frentes, ou, para utilizar a expressão da historiadora, *braços* - sendo esses braços segmentos como a higiene, educação, educação física, legislação, genética, imigração, entre outros - que “trabalham em prol de uma mesma ideia: o melhoramento da raça humana”.²¹ Além de ter publicado diversos livros e artigos sobre o tema, o médico participou de forma atuante em várias sociedades e associações, tais como a Sociedade Eugênica de São Paulo, o Departamento Nacional de Saúde Pública, a Liga Brasileira de Higiene Mental, e a Liga Pró-Saneamento, esta

¹⁹ MESGRAVIS, Laima; PINSKY, Carla B. **O Brasil que os europeus encontraram: a natureza, os índios, os homens brancos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 12.

²⁰ VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Colonial (1500 - 1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 278.

²¹ DIWAN, Pietra. **Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 17.

última fundada em 1918 com a participação de ninguém menos que Monteiro Lobato. Estas associações tinham como objetivo:

[...] que o Brasil se povoasse de “gente sã física e moralmente”, a exemplo da Grécia Antiga, que no seu entender havia encontrado o equilíbrio do corpo e do espírito expressos na civilização ideal. Olhando para o passado como um reflexo no espelho, o eugenismo de Renato Kehl via a sociedade através da beleza plástica, da retidão moral e da divisão social de maneira idêntica àquela dos gregos antigos.²²

Mais uma vez, a civilização europeia, neste caso a da antiga Grécia, aparece como ideal a ser atingido. A historiadora frisa ainda que “Renato Kehl nunca esteve sozinho na empreitada pela eugenia no Brasil [...]. Entre os seus principais interlocutores estão alguns dos grandes intelectuais do período”,²³ dentre eles gente como Oliveira Vianna, Gilberto Freyre, e “na literatura, a eugenia teria seu mais aguerrido defensor, o polêmico Monteiro Lobato”,²⁴ O próprio Lobato, que escreveria mais adiante *História do Mundo para as Crianças* na década de 1930, utiliza a voz de Dona Benta para dizer que “o povo mais importante para o desenvolvimento da civilização atual foi o grego”.²⁵

Para Monteiro Lobato a sociedade grega era o exemplo a ser seguido e assim também pensavam os eugenistas [...]. Nas aventuras do Sítio não podemos ler a palavra eugenia, mas seguramente podemos encontrar várias referências àquilo que os eugenistas apregoavam.²⁶

Ambos Kehl e Lobato estabeleceram uma relação profissional e de amizade, trocando correspondências ao longo de vários anos e escrevendo prefácios em obras um do outro.²⁷ Um exemplo da amizade entre os dois está em um trecho de uma carta, na qual Lobato lamenta não ter dedicado sua obra *O choque das raças ou o presidente negro*, de 1926, a Renato Kehl:

²² DIWAN, Pietra. **Op. cit.**, p. 126.

²³ DIWAN, Pietra. **Op. cit.**, p. 125

²⁴ DIWAN, Pietra. **Op. cit.**, p. 105.

²⁵ HABIB, Paula A. B. B. **Op. cit.**, p. 139.

²⁶ HABIB, Paula A. B. B. **Op. cit.**, p. 149.

²⁷ Pietra Diwan aponta que Renato Kehl escreveu o prefácio da coletânea de reportagens *Problema Vital* de Monteiro Lobato, lançado em 1919. Este, por sua vez, prefaciou *Bioperspectivas*, livro de 1938 de Renato Kehl.

Renato, Tu és o pai da eugenia no Brasil e a ti devia eu dedicar o meu *Choque*, grito de guerra pró-eugenia. Vejo que errei não te pondo lá no frontispício, mas perdoai a este estropeado amigo. [...] Precisamos lançar, **vulgarizar estas ideias**. A humanidade precisa de uma coisa só: póda. É como a vinha.²⁸

Tal como Lobato, Renato Kehl, baseando-se nas estátuas gregas que chegaram até nós, acreditava que a civilização helênica havia atingido a perfeição plástica, estabelecendo em seu livro, *A Cura da Fealdade*, lançado em 1923 pela editora de Lobato, que o ideal de beleza física a ser perseguido era o grego. Não apenas isso, “as ideias da sociedade grega são o exemplo a ser seguido, já que os gregos concordaram em aceitar os sacrifícios exigidos para a constituição do ideal”.²⁹ São esses ideais que Monteiro Lobato busca vulgarizar, assumindo uma postura abertamente militante, utilizando de sua literatura para dizer na forma de ficção, ou de forma indireta, o que não podia dizer abertamente:

Nas palavras de Lobato em setembro de 1930: “é um processo indireto de fazer eugenia, e os processos indiretos, no Brasil, ‘work’ muito mais eficientemente”. Afirmções como essa demonstram a inclinação da eugenia não somente para o saneamento racial, pregado pelas teorias de branqueamento, mas também para uma regeneração moral, que extrapola a condição racial do indivíduo, e a “força do exemplo”, que deve ser pregada pelas classes cultas. Ou seja, para uma eugenização efetiva do povo brasileiro, não se deve extirpar da sociedade somente aqueles maus elementos, portadores de “doenças sociais”, como o alcoólatra, o sífilítico, o tuberculoso, o vadio, a prostituta, e as deformidades congênitas da classe pobre, negra e mestiçada, mas curar os “desvios de caráter” que habitavam também as classes abastadas e impediam o bom desenvolvimento de políticas públicas objetivas que contribuíssem para o progresso do Brasil. Monteiro Lobato foi fiel a suas ideias e, mesmo que se conteste, caminhou de mãos dadas com os eugenistas no final da década de 1920, período de radicalização do movimento.³⁰

Ainda que Pietra Diwan não tenha analisado nenhuma obra infantil de Monteiro Lobato, já temos indícios suficientes que, como dito anteriormente, Lobato entendia a criança como um sujeito a ser educado, e considerava sua ficção um modo de

²⁸ LOBATO apud DIWAN, Pietra. **Op. cit.**, p. 106, grifos nossos.

²⁹ HABIB, Paula A. B. B. **Op. cit.**, p. 150.

³⁰ DIWAN, Pietra. **Op. cit.**, pp. 111-112.

divulgação das ideias eugenistas, que não estavam sendo, na visão do autor, totalmente captadas pelo público adulto.

O velho ditado “é de pequeno que se torce o pepino” deve ter parecido a Lobato uma boa alternativa. Já que as gerações em idade de compreender a importância e a necessidade de se realizar “reformas” sociais com o intuito do progresso de da civilização não as abraçaram, talvez o resultado esperado fosse alcançado nas gerações seguintes de governantes, médicos, professores, engenheiros, advogados, enfim, os futuros tutores da nação”.³¹

A obra *Aventuras de Hans Staden* foi lançada no mesmo ano do *Choque das raças*, auge da popularidade da eugenia no Brasil, e cremos ser bastante relevante questionar até que ponto Lobato utilizou-se das aventuras do alemão para “vulgarizar estas ideias”. No próprio *Choque*,³² Lobato ao descrever a importância da educação infantil nos Estados Unidos do ano de 2228, o autor diz que “os maiores gênios da raça se consagravam a estudá-la, para com tão dúctil matéria-prima irem esculpindo a obra única que apaixonava o americano - o Amanhã”.³³ A criança é ainda descrita como “além do encanto do presente, o futuro plasmável como a cera”, e o “Amanhã” é escrito com letra maiúscula, transformado em um nome próprio, uma idealização de um ente por si só. Essa criança que pode ser moldada e um futuro idealizado, é o público alvo das *Aventuras*, história na qual, no entender de Lobato através de comentários que faz como Dona Benta, o protagonista é dotado de conhecimentos e inteligência superior aos dos indígenas, *As Aventuras* se torna um veículo ideal para a divulgação não apenas do projeto literário e editorial, mas também do projeto de nação do autor vale-paraibano.

Lobato, assim como os sanitaristas, acreditou que suas concepções não eram otimistas, mas embasadas pelo saber científico, pois era através da medicina social que os problemas nacionais seriam solucionados [...]. [Monteiro Lobato] também defendeu o argumento de que o Brasil deveria ser administrado em bases científicas, com os cientistas ocupando o lugar dos políticos.³⁴

³¹ HABIB, Paula A. B. B. **Op. cit.**, p. 127.

³² Na edição de 2009 da obra, o nome da obra foi editado simplesmente para *O Presidente Negro*, provavelmente como uma tentativa de diminuir mais polêmicas em torno da obra,

³³ LOBATO, Monteiro. **O Presidente Negro**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009

³⁴ RODRIGUES, Davidson de O. **Op. cit.**, p. 77.

Ao defender que o Brasil fosse administrado em bases científicas, o autor visava à erradicação de doenças e de maus costumes sanitários da população, sobretudo a população do campo, sendo o *Jeca Tatu* o exemplo mais conhecido de seu projeto higienista. No entanto, Paula Habib aponta que essas ideias que, inicialmente, se passavam como ideias higienistas, aos poucos foram se mostrando eugênicas.

O saneamento deveria ser físico, moral, racial, educacional, com o intuito de criar uma raça de brasileiros perfeitos. A eugenia, um instrumento científico, apresentava-se como a ciência do aperfeiçoamento da raça, com a finalidade de hierarquizar a população para ordená-la. Porém [...], a preocupação primordial era sempre o “bem-estar” da nação.³⁵

Para Lobato, a sociedade brasileira havia falhado enquanto raça, e por isso era importante aperfeiçoá-la e hierarquizá-la. A vida nos trópicos degenerara a raça humana que aqui habita, devido à abundância de recursos, fazendo com que aqueles que seriam naturalmente “mais capacitados, física, moral e mentalmente, estavam incapacitados de reverter” essa situação³⁶. Por conta disso, “a sociedade não era mais hierarquizada: **o forte havia perdido o direito de dominar o mais fraco**, como ocorria na natureza”³⁷ (grifo nosso). Esse natural direito de dominação do mais forte sobre o mais fraco é um tema recorrente em *Aventuras*, e será mais explorado ao longo do segundo capítulo.

Para Rodrigues, Monteiro Lobato havia tomado para si uma responsabilidade pela superação do atraso nacional,³⁸ responsabilidade essa de todo escritor ou homens relacionados às artes. Ao mesmo tempo, diversos autores concordam que Lobato personificou várias contradições, sendo um homem que estava, cronologicamente, situado entre dois movimentos literários - o romantismo e o modernismo - e, ao mesmo

³⁵ HABIB, Paula A. B. B. **Op. cit.**, p. 51.

³⁶ Ao descrever o mundo no ano de 2228 no *Choque das Raças*, Lobato prevê a divisão de dois Brasis: um de clima temperado, ao sul, e outro de clima tropical, onde hoje são as regiões Norte e Nordeste. O Brasil do Sul, colonizado por imigrantes europeus, e dotado de melhores caracteres eugênicos, se torna um dos principais países do mundo durante o século XXIII, enquanto o Brasil do norte é atrasado e incivilizados, com povos que mal falam o português (HABIB, 2003, pp. 110-111).

³⁷ HABIB, Paula A. B. B. **Op. cit.**, p. 53.

³⁸ RODRIGUES, Davidson de O. **Op. cit.**, p. 97.

tempo em que não se identificava e nem se encaixava plenamente em nenhum dos dois, foi crítico de ambos, mesmo tendo utilizado temáticas do primeiro - o caboclo, o índio, e a natureza nacional, sendo nacionalista sem nunca ter sido ufanista³⁹ - e estéticas do último, como a onomatopeia, narrativas orais e neologismos, sendo uma combinação peculiar entre inovador e conservador.⁴⁰

Como se observa, seu traço definidor é a contradição. É, pois, justamente essa característica que aproxima esse fenômeno a Monteiro Lobato. Tendo sido um escritor de seu tempo, marcado pelo caráter tenso vivido pelo país na *Belle Époque*, momento histórico determinado pela existência de uma realidade paradoxal que oscila entre a imagem de um país agrário e conservador e as pretensões de um país urbano em busca da modernização. Lobato foi um homem que se destacou pela riqueza de sua personalidade múltipla, cheia de contradições. Sua trajetória é marcada por posições díspares que o tornam uma figura até hoje polêmica, cuja personalidade revela uma espécie de simbiose que se quer dialética, impossibilitando qualquer quadro fechado que queira lhe definir a cosmovisão.⁴¹

Essas contradições serão o grande fio condutor desta análise das *Aventuras*, pois, ao mesmo tempo em que os livros de Lobato provocaram crescente resistência à sua difusão entre censores católicos, devido à acusação de elementos ateus em suas obras⁴², Monteiro Lobato escolhe reescrever um livro no qual o cristianismo, como veremos, se faz onipresente, já que Staden constantemente justifica sua sobrevivência à sua crença. É dentro deste turbilhão de ingredientes ora distintos, opostos, e ora complementares como o cientificismo, a divulgação da história e folclore brasileiros, nacionalismo sem apelar ao ufanismo, religiosidade, divulgação didática e eugenista, projeto comercial, projeto de modernização em um país degenerado por estar em região tropical, que analisaremos como Monteiro Lobato ressignificou a obra de Hans Staden, tirando-a de seu contexto Renascentista e trazendo-a para o mundo eugenista no qual viveu.

³⁹ PASSIANI, Enio. **Op. cit.**, p. 61.

⁴⁰ PASSIANI, Enio. **Op. cit.**, p. 249.

⁴¹ DUARTE, Lia C. **Lobato Humorista: a construção do humor nas obras infantis de Monteiro Lobato.** – São Paulo: Editora Unesp, 2006, pp. 277-278.

⁴² ALCANFOR, Lucilene R. **Op. cit.**, p. 94-95.

Capítulo 2

A ressignificação da obra

Este capítulo buscará analisar com mais profundidade como Monteiro Lobato utilizou-se dos escritos de Hans Staden não apenas como parte de seu projeto editorial para crianças, mas também para a divulgação da eugenia. Veremos como os personagens do *Sítio do Picapau Amarelo* reagem ao desenrolar da história, o papel de cada um deles, e como Lobato utiliza as *Aventuras de Hans Staden* para doutrinar os seus leitores, adaptando os escritos originais de acordo com suas crenças, e aproveitando-se também para fazer autopropaganda.

2.1 Papel dos personagens

Tal qual em outros livros do *Sítio*, em *Aventuras de Hans Staden* temos como personagens principais Dona Benta, Pedrinho e Narizinho. Outros personagens famosos como Emília e Tia Nastácia estão virtualmente ausentes nesta história, o que causa certa estranheza. Iniciando nossa análise com Dona Benta, ela já nos mostra a primeira grande diferença em comparar a versão original dos escritos de Staden com a versão de Lobato: a pessoa que narra, e o que garante a veracidade da narração. Com exceção do prefácio, todo o livro de Hans Staden é escrito em primeira pessoa, e Staden sempre alude à fé ao deus católico para não deixar dúvidas que tudo que viveu nos domínios portugueses é verdade.

Se agora, alguém houver que não fique contente com este escrito, e para que não continue a alimentar dúvida, peça o auxílio de Deus e empreenda a mesma viagem. Dei-lhe já bastante ensino. Siga as pegadas.⁴³

Em uma época de descobertas do Novo Mundo, e em que muitas dúvidas pairavam não apenas sobre as novas terras, mas também sobre suas gentes, florestas e animais, Staden desafia aquele que duvide de seu relato para que empreenda a

⁴³ STADEN, Hans. **Viagem ao Brasil**. São Paulo: Martin Claret. 2012, p. 177.

mesma viagem, deixando implícito que quem não acredita no que ele escreve não duvida apenas de seu relato, mas fazê-lo é quase uma heresia, pois Staden sobreviveu às constantes ameaças indígenas devido à sua fé, chegando ao ponto de terminar seu livro com uma oração pessoal e um “amém”. Na impossibilidade de empreender uma viagem aos tempos do Brasil Colonial, Dona Benta tem seu discurso validado por outros artifícios.

- Onde a senhora aprendeu tanta coisa, vovó? - quis saber Narzinho.
 - Lendo e vivendo, minha filha. Mas o que sei é nada; parece alguma coisa para vocês, crianças que quase nada sabem; mas diante do que sabe um verdadeiro sábio, como aquele Darwin da *Viagem ao redor do mundo*, que eu quero que vocês leiam, minha ciência é igual a zero.⁴⁴

Ao ter passado sua vida “lendo e vivendo”, Dona Benta não pode, portanto, ser questionada em seus relatos, principalmente quando seu público alvo - e conseqüentemente o público alvo do livro em si - é o de “crianças que quase nada sabem”. Outra informação relevante dessa curta passagem é o fato de Lobato utilizar a palavra ciência como sinônimo de saber. Em outro trecho do livro, Pedrinho fica admirado com a quantidade de coisas que Dona Benta conhece, e saber e ciência são utilizados, também, como sinônimos.

- É uma danada, esta vovó! Parece um livro aberto - disse o menino, entusiasmado com a ciência da velha.⁴⁵

Um detalhe interessante é que quem diz que o menino está “entusiasmado com a ciência da velha” não é a contadora de histórias por excelência dos livros do *Sítio*, mas aqui, o próprio Lobato, se fazendo presente na obra por vias indiretas e quase imperceptíveis. O fato de utilizar as palavras ciência e saber como sinônimos, reforçam a crença cientificista de Lobato, principalmente quando essas palavras se referem à Dona Benta.

⁴⁴ LOBATO, Monteiro. **As Aventuras de Hans Staden**. 2 ed. São Paulo: Globo, 2011, p. 19.

⁴⁵ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 14. Como utilizarei outras obras de Lobato ao longo desta monografia, sempre que utilizar a abreviação **Op. Cit.** será para me referir a *Aventuras de Hans Staden*. Outras obras de Monteiro Lobato serão sempre referenciadas com seu título completo para evitar confusões.

Ela é o ideal de adulto e de avó: muito inteligente e sempre atenta aos últimos lançamentos em matéria de livros; compreensiva com seus netos mas, ao mesmo tempo, sempre procurando mostrar o que é certo e o que é errado. É através dela que os personagens vão sendo paulatinamente instruídos, é ela que passa suas ideias para os meninos sobre o mundo, sobre história, geografia e outros assuntos que Lobato considerava importante. Assim, o autor tomou aparentemente para si, através de seus personagens, a tarefa de instruir e moldar, através das crianças, o futuro do país.⁴⁶

A avó ideal acreditava que as crianças não tinham culpa de não saber, e seu papel era educá-las, de maneira lúdica e natural.

- Zarpar? - interrompeu Pedrinho. - Por que fala assim tão difícil hoje, vovó?
 - Não estou falando difícil, Pedrinho. Há certas expressões que se chamam “técnicas” e que vocês precisam ir aprendendo. Zarpar se diz quando um navio ou uma esquadra sai de um porto. É uma expressão técnica, isto é, de sentido exato.⁴⁷

O papel tutorial de Dona Benta é reforçado quando seus pupilos, no caso seus próprios netos, se esquecem de alguma de suas lições - ou serões – anteriores, sendo reprimidos por isso.

- [...] E assim foram os navios singrando até alcançarem a linha do equinócio.
 - Que é isso, vovó?
 - É o equador, meu filho. Já se esqueceu a sua lição de cosmografia?⁴⁸

Dona Benta é exaltada também por sua linguagem. Pedrinho, ao ouvir o relato de Dona Benta de como o navio espanhol em que estava Staden naufragou, exalta as metáforas utilizadas por sua avó.

Súbito, um baque - o navio do capitão espanhol desfez-se como bolha de sabão ao dar na ponta de um alfinete...
 - Bravos, vovó! A senhora está épica! - exclamou Pedrinho. - Fez uma descrição linda!...⁴⁹

⁴⁶ HABIB, Paula. A. B. B. **Op. cit.**, pp. 131-132.

⁴⁷ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 13.

⁴⁸ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 15.

⁴⁹ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 31

Nas *Aventuras*, Pedrinho é, depois de Dona Benta, o personagem mais participativo, sempre fazendo comentários que, ora elogiam, ora reforçam o que diz sua avó, se apresentando como um menino sempre curioso e fazendo perguntas de cunho científico. Paula Habib aponta que o menino, personagem saudável, inteligente, bonito, robusto e sadio, responde ao tipo de ideal de criança que deveria existir no Brasil, público alvo dos livros de Monteiro Lobato. Pedrinho representa a idealização do futuro do país.

Note-se o ideal eugênico de criança, que aprende as lições que os adultos lhes ensinam, sempre pela voz de D. Benta. Pedrinho, de acordo com o adequado perfil de gênero projetado, sempre lia as notícias nos jornais. É sempre ele que demonstra uma aguda capacidade intelectual e curiosidade acerca das coisas, mostrando assim que um menino esperto, saudável, inteligente procura se informar e é capaz de fazer as relações necessárias, até mesmo lembrando de livros do próprio Sítio e os referenciando quando algum assunto já havia sido abordado. [...] Narizinho [...] é também muito esperta e atenta, assim como seu primo, mas ao mesmo tempo muito meiga e companheira de sua avó - e evidentemente os papéis de gênero são decisivos na construção de seu perfil. Se participa das aventuras dos personagens do Sítio, é sempre ela a mais cuidadosa e preocupada de todos eles.⁵⁰

Assim como em outros livros do *Sítio*, Monteiro Lobato utiliza-se das crianças para projetar seu Brasil ideal, eugênico, com pessoas inteligentes, saudáveis, e com cada gênero tendo papéis bem definidos. Em *Aventuras de Hans Staden*, Pedrinho faz as mais variadas observações, sempre tirando dúvidas sobre vocabulário e ciência, enquanto que Narizinho faz interjeições com dó de Hans Staden, ou com nojo de certos hábitos indígenas, deixando bem claro o papel dos gêneros no mundo ideal de Monteiro Lobato. Eis algumas das participações de cada personagem que demonstram suas diferenças ao longo do livro.

- Quantos metros tem a milha, vovó? - indagou Pedrinho.
 - A milha varia muito, de país para país. É medida do tempo dos romanos, entre os quais valia mil passos. Mas como isso de passo cada povo tem o maior ou menor, conforme o comprimento das pernas, há milhas de 1.609 metros, como a inglesa, e milhas de mais de 8 mil

⁵⁰ HABIB, Paula. A. B. B. **Op. cit.**, p. 138.

metros, como a húngara. Mas hoje está generalizada a milha marítima de 1.852 metros.

- Continue, vovó - pediu Narizinho, mais interessada na navegação de Hans do que na elasticidade da milha.⁵¹

Na passagem acima, fica bem claro a diferença de personalidades idealizadas entre meninos e meninas na obra. Pedrinho é curioso e interessado em saber - no caso de Lobato, interessado em ciência, já que o autor vê as duas palavras como sinônimas. Narizinho quer que Dona Benta continue a história, sem parecer se importar muito com quanto vale uma milha, em outras palavras, sem se importar tanto com um rigor científico. Poucas páginas adiante, há outro exemplo no qual o interesse científico é associado ao sexo masculino, enquanto o carinho e a afetividade são, femininas.

- Mas a tal luz morta, vovó, que era? - quis saber Pedrinho, e Dona Benta explicou.

- Tratava-se da fosforescência de certos bichinhos que bóiam sobre as águas do mar aos bilhões, numa verdadeira Via Láctea de massa viva. É a mesma fosforescência dos vaga-lumes, mas em animáculos extremamente pequeninhos...

- Pare um pouco, vovó - pediu a menina. - Quero dar um pulo lá dentro para trazer a Emília. A coitadinha gosta tanto de ouvir histórias...⁵²

É quase como se as explicações científicas incomodassem Narizinho. Ela sente a necessidade de interromper sua avó para trazer a boneca que gosta de ouvir histórias. Fica implícito que se sua mente não consegue acompanhar explicações mais complicadas por muito tempo, sendo obrigada a escapar um pouco para poder respirar e trazer mais alguém para ouvir e comentar as histórias de Hans Staden. No entanto, é curioso que, em *Aventuras*, Emília, a boneca descrita pelo próprio Lobato como a “torneirinha de asneiras”, não faz nenhum de seus típicos ácidos comentários. Sendo a personagem autorizada a desrespeitar a Dona Benta, e fazer as mais absurdas observações, a boneca de pano só é citada três vezes em todo livro: uma descrita acima, quando Narizinho vai chamá-la para ouvir a história, a segunda ao fazer, segundo Narizinho, “cara de quem não entendeu coisa alguma”⁵³, e a última ao fim,

⁵¹ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 14.

⁵² LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 16.

⁵³ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 18.

mais precisamente no último parágrafo do livro, quando Dona Benta pergunta às crianças o que puderam aprender com Hans Staden.

Agora que terminei a narração da sua vida atormentada, quero que vocês me digam que lição tiram dela - concluiu a vovó.
 - Que não devemos desanimar nunca! - exclamou Pedrinho incontinênti.
 - Isso mesmo - aprovou a boa senhora. - E você, Narizinho, que lição tira?
 - Que são horas de ir para dentro porque a Emília está pendendo de sono - respondeu a travessa menina, abrindo a boca num bocejo de urutau.⁵⁴

Mais uma vez, Narizinho parece se sentir desconfortável com a quantidade de informações recebidas, pois, enquanto Pedrinho conseguiu aprender uma valiosa lição, Narizinho se mostra mentalmente cansada e só quer dormir, além de, aparentemente, não ter aprendido nada válido da história do alemão. Não apenas isso. No que diz respeito à educação de meninos e meninas, a própria Dona Benta trata diferente seus netos, pois às explicações dadas a Pedrinho costumam ser mais aprofundadas do que as direcionadas a Narizinho.

- Que é epopeia, vovó? - perguntou a menina?
 - Eu sei! - exclamou o menino. - Epopeia é, por exemplos, *Os lusíadas*, de Camões, não é vovó?
 - Não é, meu filho. Dar exemplo não é definir. Epopeia quer dizer poema em que o poeta canta uma grande empresa heroica, uma alta façanha. *Os lusíadas* são uma epopeia, mas a epopeia não “é, por exemplo, *Os lusíadas*...”.
 - Mas então, vovó, navegação é epopeia? É algum poema?
 - Sim, É um poema não escrito, porque está acima das forças de um só poeta cantar a série infinita de dramas, heroísmos, abnegações e sacrifícios que enchem os anais da navegação.
 Pedrinho achou que bastava.
 - Entendi, vovó, pode continuar.⁵⁵

A explicação do que significa epopeia só é interrompida quando Pedrinho achou que a mesma era suficiente, e que ele havia compreendido plenamente o significado da palavra. Só então Dona Benta prossegue com a história, pois considerava importante

⁵⁴ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 79.

⁵⁵ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 23.

que seu neto entendesse efetivamente o substantivo. No que diz respeito às dúvidas de Narizinho, a avó se comporta de maneira bem diferente.

- Como é que se verifica a altura do sol? - perguntou Pedrinho.
- Com um instrumento chamado sextante, que nos permite calcular a longitude e a latitude, de modo a sabermos em que ponto do globo nos achamos.
- Fiquei na mesma - disse Narizinho -, mas continue, vovó.⁵⁶

Quando Narizinho tem uma dúvida, seus recursos são sair da sala para verificar como estão os outros personagens do *Sítio*, ou simplesmente deixar a história continuar, e Dona Benta segue com seu relato sem se preocupar em sanar as dúvidas de sua neta, mostrando que, de fato, na “sociedade do início do século XX, culturalmente masculina, o lugar reservado à mulher é cuidar do lar e dos filhos”⁵⁷. É possível que o fato dos considerados grandes nomes da intelectualidade do início do século XX serem todos do sexo masculino influenciasse a visão de Lobato que um conhecimento aprofundado das coisas era pertinente apenas aos homens. O círculo de amigos pessoais de Monteiro Lobato, e de estudiosos da eugenia, eram majoritariamente - senão exclusivamente - do sexo masculino. Podemos ter como exemplo os membros da Sociedade Eugênica de São Paulo, fundada em 1918 pelo já citado Renato Kehl. Entre seus membros, muitos nomes de pessoas que trocavam correspondências com Monteiro Lobato, entre eles Arnaldo Vieira de Carvalho, Arthur Neiva, Francisco Franco da Rocha, entre outros.⁵⁸

Quanto ao silêncio de Emília ao longo da obra, podemos levantar algumas possibilidades do porquê da “torneirinha” ter passado o livro todo quieta, entre elas, outra ausência significativa em *Aventuras: Tia Nastácia*. Tida como a “provedora de alimentos e de apoio logístico doméstico, [...] serviçal eficiente, afetuosa e humilde”⁵⁹, a empregada é a principal vítima de racismo da boneca. Além disso, a cozinheira não tem necessidade de aparecer para complementar as histórias do folclore brasileiro, função

⁵⁶ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 24.

⁵⁷ DIWAN, Pietra, **Op. cit.**, p. 146.

⁵⁸ DIWAN, Pietra, **Op. cit.**, p. 98.

⁵⁹ DUARTE, Lia C. **Op. cit.**, p. 256

típica da cozinheira em outros livros do *Sítio*, pois esse papel já está sendo interpretado por Dona Benta, que descreve a cultura indígena ao longo de todo o livro. E sendo as *Aventuras de Hans Staden* situado, cronologicamente, em um período no qual o tráfico de escravizados africanos para o Brasil era ainda pouco relevante, Lobato não necessita dos comentários complementares de Tia Nastácia.

2.2 Autocitações e adaptações

Um dos recursos comumente utilizados por Monteiro Lobato era o de citar outros de seus próprios livros, em especial nas obras do *Sítio do Picapau Amarelo*. Comercialmente, Lobato utilizava-se dessas autocitações “para fazer propaganda de seus livros, dos livros publicados por sua editora e por ele traduzidos e, principalmente, mostrar a importância da leitura”⁶⁰.

É verdade que Monteiro Lobato sempre fazia referências a seus livros nas histórias que se seguiam, aludindo a uma necessidade de leitura de todos os volumes. Mas o que verificamos é que não havia uma obrigação em ler todos os episódios do *Sítio* para que se compreenda a história completa de D. Benta e seus netos.⁶¹

Em *Aventuras*, se supõe, logo desde o princípio, que o leitor já conhece os personagens presentes no livro, pois em nenhum momento eles são apresentados ao público, e a história já começa com Dona Benta sentada em “sua velha cadeirinha de pernas serradas”⁶², nos levando a concluir que Lobato acreditava que os leitores das *Aventuras* já estavam familiarizados com os personagens do *Sítio*. Ademais do próprio Hans Staden que, como dito anteriormente, já havia sido publicado por sua própria editora, Lobato faz referências há algumas de suas outras publicações, como *Guilherme Tell*, *Esopo e La Fontaine*, todos traduzidos e lançados por Lobato, tendo os dois últimos, inclusive, versões de suas fábulas contadas por Dona Benta.

- Que boa vida! - exclamou o menino. - Bem diz a vovó que a história da humanidade é uma pirataria sem fim...

⁶⁰ HABIB, Paula. A. B. B. **Op. cit.**, p. 138.

⁶¹ HABIB, Paula. A. B. B. **Op. cit.**, p. 141.

⁶² LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 12.

- Infelizmente é verdade, meu filho. Com este ou aquele disfarce de pretexto, o mais forte tem sempre razão e vai pilhando o mais fraco.
- É a fábula do lobo e do cordeiro... - lembrou a menina.
- Qual, cordeiro! - protestou Pedrinho. - É a fábula do lobo forte e do lobo fraco, uma que me anda na cabeça.
- Bem pensado! - disse Dona Benta. - Essa fábula não foi escrita por Esopo, nem La Fontaine, mas devia ser a fábula número 1, porque é a que tem mais frequente aplicação na vida.⁶³

Várias observações podem ser feitas pela passagem acima, que fala sobre a tomada de um navio inimigo pelo navio português em que se encontrava Staden, antes de seu naufrágio. Uma das coisas que mais nos chama a atenção é a naturalização, tipicamente eugenista, da violência do mais forte para com o mais fraco, atendendo assim às demandas eugenistas de dizer por metáforas o que não era bem visto dizer abertamente, se valendo aqui da biologia - do predador e da presa, no caso do lobo e do cordeiro - para justificar a dominação, adaptando-a assim aos conflitos humanos.

Historicamente, houve sempre o desejo de se proclamar a superioridade de um grupo sobre o outro, ou de uma teoria sobre a outra, ou mesmo de um tipo de regime político sobre outro. Os melhores, os eleitos, os superiores, sempre foram desejados pelo poder. E pertencer ao grupo dos melhores sempre foi o objetivo de muitos, em detrimento dos menos favorecidos. [...] Mas a novidade do século XIX em relação a todas as essas sobreposições teóricas seculares e todas essas temporalidade foi o advento do conhecimento biológico e sua influência na vida social com a finalidade de controlar as populações, entendendo-as como espécie.⁶⁴

Outro destaque para o trecho das *Aventuras* é o fato de que quando Narizinho participa da conversa de forma efetiva, lembrando de uma fábula já contada pela avó, o sinal de reticências após sua fala nos mostra que a menina é interrompida por Pedrinho, que como “homem da casa”⁶⁵ tem a autorização para interrompê-la. Não apenas isso, as relações de gênero em Monteiro Lobato aparecem mais uma vez aqui pelo fato de que Dona Benta, que anteriormente havia reprimido Pedrinho por ter esquecido sua lição de cosmografia, agora o elogia por ter tido uma ideia original de

⁶³ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.** P. 20.

⁶⁴ DIWAN, Pietra. **Op. cit.**, p. 27.

⁶⁵ DUARTE, Lia C. **Op. cit.**, p. 256.

fábula, mas em nenhum momento Narizinho ganha algum tipo de aprovação por ter se lembrado da fábula do lobo e do cordeiro.

Ao falar de Esopo e La Fontaine, Monteiro Lobato cita escritores que foram utilizados em outras histórias do *Sítio*, como parte de seu projeto editorial e pedagógico, de valorizar a leitura de grandes autores da literatura universal, ao mesmo tempo que atija a curiosidade de leitores e potenciais consumidores de outros de seus livros, uma edição do *Sítio* que seria publicada simplesmente intitulada de *Fábulas*.

Ando com várias ideias. Uma vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e **mexendo nas moralidades**. Coisa para crianças. [...] Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora-do-mato - espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta.⁶⁶

Como dito anteriormente, Lobato praticamente forjou o mercado de literatura infantil em nosso país, e essa carta de 1916 mostra que seu espírito empreendedor já tinha um direcionamento bem definido mesmo antes de ter adquirido sua própria editora. Devido às limitações deste trabalho, não caberá aqui uma análise das fábulas escritas por Lobato, no entanto é importante destacar que, ao ler tais fábulas reescritas pelo autor, existe um padrão de história no qual há uma dominação do mais forte pelo mais fraco, daí sua possível ideia de “mexer nas moralidades”, como maneira de adaptar essas fábulas às suas crenças eugenistas. A fábula do Lobo e do cordeiro é constantemente referenciada ao longo das *Aventuras de Hans Staden*, pois, segundo a própria Dona Benta, “é a fábula que tem mais aplicação na vida”, e por isso sua relevância em reproduzi-la aqui quase integralmente.

Estava o cordeiro a beber num córrego, quando apareceu um lobo esfaimado, de horrendo aspecto.

- Que desaforo é esse de turvar a água que venho beber? - disse o monstro arreganhando os dentes. - Espere, que vou castigar tamanha má-criação!...

⁶⁶ LOBATO *apud* SPAGNOLI, Camila. **Op. cit.**, pp. 119-120, grifos nossos.

O cordeirinho, trêmulo de medo, respondeu com inocência:

- Como posso turvar a água que o senhor vai beber se ela corre do senhor para mim?

Era verdade aquilo e o lobo atrapalhou-se com a resposta. Mas não deu o rabo a torcer.

- Além disso - inventou ele - sei que você andou falando mal de mim o ano passado.

- Como poderia falar mal do senhor o ano passado, se nasci este ano?

Novamente confundido pela voz da inocência, o lobo insistiu:

- Se não foi você, foi seu irmão mais velho, o que dá no mesmo.

- Como poderia ser meu irmão mais velho, se sou filho único?

O lobo, furioso, vendo que com razões claras não vencia o pobrezinho, veio com uma ração de lobo faminto:

- Pois se não foi seu irmão, foi seu pai ou seu avô!

E - *nhoque!* - sangrou-o no pescoço.

Contra a força não há argumentos.

- Estamos diante da fábula mais famosa de todas - declarou Dona Benta. - **Revela a essência do mundo. O forte tem sempre razão. Contra a força não há argumentos.**

[...] Quem quiser saber o que é obra-prima, leia e analise a sua fábula do lobo e do cordeiro.⁶⁷

Esta é a fábula que o próprio Monteiro Lobato, utilizando-se de Dona Benta, afirma ser a “essência do mundo”, referenciando-a ao longo das *Aventuras*. Lobato não faz uma simples referência a um conto qualquer. Ele cita justamente aquele que revela, em sua visão, não apenas a própria essência do mundo, mas também a síntese da eugenia.

Purificar a raça. Aperfeiçoar o homem. Evoluir a cada geração. Se superar. Ser saudável. Ser belo. Ser forte. Todas as afirmativas anteriores estão contidas na concepção de eugenia. Para ser o melhor, o mais apto, o mais adaptado é necessário competir e derrotar o mais fraco pela concorrência. Luta de raças. Para a política, luta de classes.⁶⁸

Seria então Hans Staden, na visão de Monteiro Lobato, o lobo? Se considerarmos as descrições que Lobato faz do alemão, e lembrarmos que um dos traços típicos pelo qual o lobo é conhecido nas fábulas infantis é a astúcia, veremos que as descrições de Staden estão sempre muito próximas das crenças no típico ser

⁶⁷ LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. 2 ed. São Paulo: Globo. 2011, p. 84-85, grifos nossos.

⁶⁸ DIWAN, Pietra. **Op. cit.**, p. 21.

humano ideal pregadas pelos eugenistas, como descritas no parágrafo acima. Hans Staden é tido inicialmente como um moço que tinha o temperamento aventureiro, não se contava com o sossego da cidade natal.⁶⁹ Adjetivos como corajoso, dedicado, louro de olhos azuis, são utilizados para falar do “nosso Hans”,⁷⁰ adjetivos todos vindos da interpretação que Lobato faz do homem Hans Staden, pois em nenhum momento do livro original o alemão se descreve desta maneira. Homem racional em meio aos “selvagens” [sic], que condena a antropofagia, pois “se nenhum animal irracional comia o seu semelhante, como podia um homem comer a outro?”⁷¹ - fala também presente na obra original. Quando finalmente escapa de ser devorado em um navio francês, é ferido devido a um ataque dos portugueses - também chamados de peros ao longo do livro - que defendiam a região das invasões francesas, mas sobrevive aos ferimentos pois é naturalmente adaptado para tal proeza.

- Que azar! - exclamou Pedrinho. - Teria graça se depois de livre dos canibais morresse das balas dos peros...

- E quase foi assim - disse Dona Benta -, porque Hans recebeu ferimentos graves; mas sua natureza era rija e por fim escapou.⁷²

Ademais de uma natureza rija, o fato de ser branco lhe dava uma grande vantagem cognitiva em relação aos indígenas, fazendo valer a máxima que “contra a força não há argumentos”, mesmo sendo a força, neste caso, a inteligência europeia - a astúcia do lobo - entendida como fator de superioridade por Monteiro Lobato em relação aos nativos americanos.

- É que [os indígenas] possuíam um grau de inteligência muito inferior ao dos brancos. Daí a facilidade com que os peros e os espanhóis, em muito menor número, conseguiram dominá-los. Neste caso de Hans, por exemplo, assistimos à luta da inteligência contra a bruteza. A inteligência, com suas manhas e artimanhas, acabou vencendo a força bronca do número.⁷³

⁶⁹ LOBATO, Monteiro. **As Aventuras de Hans Staden**, p. 12.

⁷⁰ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 44.

⁷¹ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 50.

⁷² LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 78-79.

⁷³ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 64.

É bastante compreensível que, no caso de Hans Staden, um prisioneiro tente todas as artimanhas possíveis para enganar seus algozes e escapar de seu cativo. No entanto, quando Lobato se refere a Staden, a traição sempre é vista como exemplo de astúcia e inteligência superior, e não uma estratégia de sobrevivência, alterando consideravelmente o tom religioso da obra original, como podemos comparar nos exemplos abaixo.

Versão original	Versão de Monteiro Lobato
<p>[...] Quando já estava a entrar no bote, os franceses não me consentiram e me disseram que se me levassem contra a vontade dos selvagens, estes se levantariam também contra eles e se tornariam seus inimigos. Voltei então triste, nadando para a terra, e disse comigo: “Vejo que é da vontade de Deus continue eu ainda na desgraça. Mas se eu não tivesse procurado escapar, teria pensado depois que era isso por minha culpa”.</p> <p>Quando tornei à terra, ficaram alegres e disseram: “Não, ele volta”. Fiquei então zangado e lhes disse: “Pensáveis que eu queria fugir? Eu fui ao bote, dizer aos meus patrícios que se preparassem para, quando voltardes da guerra, e me levardes para lá, vos deem, em troca, muitas mercadorias”. Isto lhes agradou e ficaram outra vez contentes.⁷⁴</p>	<p>[...] - Os franceses do bote não o deixaram entrar. Repeliram-no, alegando serem amigos daquela tribo e que, se o deixassem entrar contra a vontade dos índios, eles se vingariam. E o pobre Hans teve de voltar para terra...</p> <p>- Que horror!</p> <p>- Os índios, que já o supunham perdido, começaram a gritar alegremente: “Ele volta! Ele não fugiu!”</p> <p>Hans, ao pisar na praia, mostrou-se agastado.</p> <p>- “Julgáveis então que eu pretendia fugir? Fui ao bote unicamente para dizer aos meus patrícios que viessem buscar-me depois da guerra e que trouxessem para vocês muitas coisas bonitas”.</p> <p>- Sim, senhora! - exclamou Pedrinho. - Esse alemão era das arábias! Conseguiu mais uma vez lograr os pobres índios.</p> <p>- Lográ-los - confirmou Dona Benta - e agradá-los. Os índios ficaram contentíssimos com o seu gesto e passaram a tratá-lo ainda melhor.⁷⁵</p>

Obviamente, a proposta de Monteiro Lobato ao reescrever o livro de Hans Staden era torná-lo mais simples para as crianças, o que de fato acontece em sua releitura. Nas passagens acima podemos ver, no entanto, a diferença básica de tom entre eles, pois em Staden, o deus católico se faz sempre presente em sua obra.

⁷⁴ STADEN, Hans. **Op. cit.**, p. 107.

⁷⁵ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 68.

Também há uma diferença significativa no modo de tratamento para com os indígenas. Na primeira versão, os indígenas se tornariam inimigos dos franceses, enquanto na adaptação eles se vingariam, o que acarreta dizer que os nativos iriam ceder a uma fúria irracional, ao invés de uma decisão pensada de rompimento com um grupo que fora, outrora, aliado. Ademais, em Staden, o alemão promete a busca de mercadorias para os nativos, enquanto em Lobato os índios vão ganhar “coisas bonitas”, reforçando um caráter de suposta inocência dos indígenas durante o processo de ocupação europeia, mais uma vez evidenciando a irracionalidade do gentio. Na versão de Lobato, os comentários dos personagens do *Sítio* fazem o maior diferencial, pois é ali que vemos como o escritor de Taubaté enxerga este episódio. O alemão sobrevive por ser “das arábias”, expressão coloquial que pode ser entendida como alguém bom em fazer trocas comerciais, ou em negociações. Há também em Lobato um sentido finalista de alguém que sabia que ia sobreviver o tempo todo, dando a Hans, em alguns momentos, um caráter autoritário para com os indígenas, além do fato de Lobato sempre elogiar Staden quando este, de alguma forma, consegue ludibriar os nativos e mostrar sua suposta natural superioridade.

Versão original	Versão de Monteiro Lobato
<p>Enquanto isso, aconteceu que as 25 canoas dos selvagens que eram amigos dos portugueses [...] vieram uma manhã para atacarem as cabanas.</p> <p>Quando os Tupiniquins investiram contra as cabanas e começaram a atirar sobre elas, encheram-se de medo os de dentro e as mulheres queriam fugir. Disse-lhes eu então: “Vós me tendes por português, vosso inimigo, dai-me um arco e flechas e deixai-me ir, quero ajudar-vos a defender as cabanas”. Deram-me um arco e flechas.</p> <p>Eu gritava e atirava ao modo deles o melhor que podia, e lhes dizia que tivessem ânimo, não havia perigo. Minha intenção era de atravessar a cerca ao redor das cabanas e correr para os outros, pois eles me conheciam e sabiam que eu estava na aldeia. Mas, vendo os Tupiniquins que nada podiam fazer, voltaram outra vez para suas canoas e</p>	<p>Certa madrugada houve grande rebuliço na aldeia.</p> <p>- “Os tupiniquins!” - gritavam os índios, correndo de um lado para outro, em preparativos para a luta. De fato, era um bando de tupiniquins, vindos em 25 canoas, que rodeavam e atacavam a aldeia a flechadas.</p> <p>Hans aproveitou-se do ensejo e disse aos tupinambás:</p> <p>- “Vós me tendes por português, mas vou provar-vos que não sou; dai-me arco e flechas que quero ajudar-vos na defesa da taba.”</p> <p>Os índios aceitaram a proposta; deram-lhe armas e Hans portou-se como um verdadeiro chefe, gritando para animar os defensores e atirando flechas o melhor que podia. Sua intenção porém era saltar a estacada logo que pudesse e fugir para o</p>

se foram embora. Quando bem longe já estavam eles, prenderam-me de novo. ⁷⁶	campo tupiniquim, onde o acolheriam como amigo. Mas aconteceu que, em meio da luta, os atacantes desistiram do assalto e retiraram-se para as suas canoas. Não pôde, pois, o nosso Hans realizar a fuga que havia projetado e teve que voltar para a cabana que lhe servia de cadeia. ⁷⁷
--	---

Apesar de passagens muito semelhantes, na versão original os indígenas é que estão em controle, pois cabe a eles deixar Hans Staden participar ou não na defesa da tribo quando ele se oferece para defender contra o ataque Tupiniquim. Em Lobato, o alemão está no comando da ação, pois ele não pede autorização dos Tupinambá para auxiliá-los na defesa da tribo, ele anuncia que quer ajudá-los, e ao fazê-lo, porta-se “como um verdadeiro chefe”. Essa noção de liderança não se encontra no escrito original, pois Staden parece apenas querer mimetizar os movimentos indígenas, com o intuito de se parecer um membro mais da tribo.

Ainda pouco discutido em âmbito acadêmico, a visão que Monteiro Lobato tem dos indígenas brasileiros fica bastante evidente ao longo das *Aventuras de Hans Staden*. O modo como o autor enxergava os nativos americanos, à luz das ideias eugenistas, será discutido agora.

⁷⁶ STADEN, Hans. **Op. cit.**, pp. 87-88, grifos nossos.

⁷⁷ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 52, grifos nossos.

Capítulo 3

Ratificando preconceitos

É impossível falarmos da visão que Monteiro Lobato tinha dos povos nativos da América sem compararmos com a visão que o autor tinha dos europeus. Muito já foi falado sobre o alemão protagonista de nossa história, mas ao longo do livro nos encontramos com diversas tribos nativas, franceses, espanhóis e portugueses, e as descrições que Lobato faz de todos eles são significativas do ponto de vista da eugenia e de ideias pré-concebidas que temos ainda nos dias de hoje para com todos esses povos. Também podemos ver como Lobato enxerga o projeto de colonização europeu nas terras do Novo Mundo. Neste capítulo tentaremos compreender como esses tópicos estão expostos em *Aventuras de Hans Staden*.

3.1 Visão dos indígenas

Nos últimos anos diversas discussões têm surgido no que diz respeito à maneira - muitas vezes pejorativa - como Monteiro Lobato descreve os povos afrodescendentes e todas as polêmicas que os envolvem. Entretanto, pouco é falado sobre como Lobato via os indígenas, já que os próprios eugenistas não consideravam os nativos como figuras fundamentais na formação do povo brasileiro.

Segundo a maior parte dos eugenistas [...], o Brasil ainda não possuía um tipo genuinamente nacional, uma vez que somos um “grande laboratório étnico” com um intenso metabolismo racial. A grande questão era a heterogeneidade da população, composta dos mais variados tipos étnicos e sobre a qual predominavam os mestiços. Para esses homens, o brasileiro tinha três troncos étnicos básicos: o português, o colonizador; o índio, autóctone; e o negro, importado da África. O primeiro era de raça forte e desbravadora e “*a eles devemos o que fomos e o que somos*”. Os gentios, donos da terra, foram apenas coadjuvantes no processo de colonização, além de não se saber qual a origem da raça, questão primordial, cujo principal grupo brasileiro no cruzamento foi o tupi-guarani. Já os negros, para os eugenistas, são um caso específico. Kehl e seus prosélitos não negavam que a raça africana para cá veio forçada “*pela ganância de exploradores da carne humana, amontoados nos navios negreiros, caçados nas costas da*

África". Mas, o grande problema era o resultado que estava sendo verificado na população brasileira, em virtude do cruzamento entre as raças, principalmente quando uma delas era a negra: o mestiço e a consequente degeneração da raça.⁷⁸

O descaso com que os eugenistas, grupo do qual Lobato participava ativamente, viam os indígenas, um povo coadjuvante na formação brasileira é o primeiro indício da dificuldade em se encontrar fontes descrevendo os nativos do ponto de vista eugênico, já que os indígenas eram vistos com tão pouca importância que nem sequer são considerados um problema na formação étnica brasileira, como no caso dos povos africanos. É nesse sentido que as *Aventuras de Hans Staden* se apresentam como um ótimo ponto de partida para que entendamos o posicionamento de Lobato, e possivelmente dos eugenistas, no que diz respeito aos indígenas. A própria estrutura do livro, se comparada com a obra original de Staden, já mostra uma grande diferença: no livro de Hans Staden, existe uma seção exclusiva apenas para a descrição de hábitos indígenas; na versão de Monteiro Lobato, o foco está na história vivida pelo alemão no território brasileiro, e ainda que os hábitos indígenas sejam descritos ao longo do livro, para esclarecer as dúvidas de Narzinho e Pedrinho, compreender o modo de vida do gentio não é uma prioridade, ainda mais quando o autor paulista considerava os povos indígenas como uma etapa encerrada na História do Brasil, já que a luta por terra com os nativos "só teve fim quando os índios foram completamente dominados"⁷⁹, uma ideia absurda se lembramos dos embates e conflitos por terra que existem ainda hoje.

Não obstante, Lobato admite a existência de várias contribuições indígenas na formação da cultura brasileira, sobretudo a contribuição linguística.

- Por que não falamos nós no Brasil a língua dos índios, em vez da portuguesa? Não era a língua natural da terra?
- Quando numa região se chocam dois povos, como aqui, vence a língua do mais forte. Os portugueses suplantaram os índios; era natural que predominasse a língua portuguesa sobre a tupi. Mas a nossa língua

⁷⁸ HABIB, Paula A. B. B. **Op. cit.** p. 107. A autora indica que as passagens em itálico foram retiradas do livro de Renato Kehl, **A Cura da Fealdade**, ambas as citações foram extraídas da p. 173 dessa obra.

⁷⁹ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 62.

brasileira, a que familiarmente falamos e serve sobretudo às populações no interior do Brasil, é uma verdadeira mistura de português e tupi, três quartos de português para um de tupi.⁸⁰

Fazendo uma conta pseudocientífica, Lobato faz um cálculo da porcentagem com a qual os indígenas contribuíram para o nosso português. Salta aos olhos a relação do choque entre dois povos, no qual “vence a língua do mais forte”, sendo essa passagem um exemplo claro de como o projeto eugenista está presente em *Aventuras*. Ao mesmo tempo, Lobato não perde a oportunidade de mais uma vez se autopromover, pois é sabido que seu projeto literário buscava incorporar formas mais coloquiais de se expressar, especialmente a linguagem do caboclo interiorano, em detrimento da pureza linguística que era empregada pelos escritores do romantismo brasileiro. Para Lobato, “defender uma certa pureza da língua portuguesa praticada no Brasil significava [...] negar a possibilidade de se conhecer o país a fundo e condená-lo à falta de identidade”.⁸¹

O desejo de conhecer a “realidade” brasileira faz Lobato atacar frontalmente o romantismo: aqueles caboclos heroicos e fortes, decantados por alguns românticos, não correspondem aos de carne e osso que Lobato conheceu; o romantismo, segundo ele, tratou de falsear a realidade ao idealizar uma figura quase mítica, sem nenhum apego ao mundo concreto, atrapalhando, com isso, o acesso aos “verdadeiros” problemas nacionais. O caboclo, ao contrário do que o sertanismo e o indianismo românticos preconizavam, era, de acordo com Lobato, fraco, indolente, mal-cheiroso, supersticioso e feio.⁸²

Considerando que *Aventuras de Hans Staden* foi escrito após a reinvenção de Jeca Tatu, de um caboclo que não era doente, mas *estava* doente, e que o livro descreve um período da História do Brasil no qual ainda não existia a figura do caboclo, Lobato ainda assim aproveita o livro para fazer uma comparação entre esses dois personagens de nossa História. Em determinado momento, Hans Staden está lendo um livro, “talvez a primeira obra que veio a circular no Brasil”,⁸³ e Lobato usa a cena para mais uma vez reforçar a ignorância indígena.

⁸⁰ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.** p. 35.

⁸¹ PASSIANI, Enio. **Op. cit.**, p. 72.

⁸² PASSIANI, Enio. **Op. cit.**, p. 121.

⁸³ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 60.

- “Ele é um diabo” - explicou um [índio] - “e esteve hoje a olhar para o ‘couro da trovoada””.
- Couro da trovoada, vovó?...
- Narizinho soltou uma gargalhada.
- Que idiotas!
- Os índios eram supersticiosos - explicou Dona Benta -, e um livro seria para eles a coisa mais misteriosa e incompreensível do mundo, arte do demônio, como ainda hoje nossos caboclos classificam o gramofone, o telégrafo e as mais coisas que não podem compreender.⁸⁴

A superstição é vista aqui como uma herança indígena, porém uma herança compartilhada apenas pelos caboclos, pois os itens que Lobato utiliza para comparar ao livro como tecnologia desconhecida - o gramofone e o telégrafo - são ambos objetos que, no final do século XIX e início do século XX, eram encontrados principalmente nos centros urbanos. Quanto ao livro em questão, o autor paulista emite algumas informações contidas no original. Ainda que os indígenas, mesmo na pena de Staden, chamem o livro de “couro da trovoada”, Lobato não diz que tal livro chegou ao alemão por via dos próprios indígenas que o aprisionaram.

Eu tinha comigo um livro, em língua portuguesa, que os selvagens tiraram de um navio que aprisionaram com o auxílio dos franceses; fizeram-me presente desse livro.⁸⁵

Lobato preferiu omitir o fato que um livro não era uma coisa tão misteriosa assim, considerando que os próprios nativos o retiraram de um navio e o entregaram para Staden, o que nos indicaria que os índios saberiam que o objeto em questão seria aproveitado pelo prisioneiro europeu. O alemão tampouco escreve que os indígenas o chamam de demônio, pois ao começar o vento forte, que impediria a realização de uma cerimônia, diz que “os indígenas zangaram-se comigo, e disseram na sua língua: [...] ‘O maldito, o santo, fez agora vir o vento, porque olhou hoje no *couro da trovoada*.”⁸⁶ Ademais, Lobato parece desconhecer com mais profundidade as tradições indígenas, e não busca relativizar que como eles chamam o livro que Staden lê é típico de

⁸⁴ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 60

⁸⁵ STADEN, Hans. **Op. cit.**, p. 97.

⁸⁶ IBID. Na versão eletrônica do livro, o termo “maldito” foi traduzido como “homem mau”.

sociedades nas quais a tradição oral é o modo de registro de suas histórias, como é o caso das sociedades nativas da América.

A tradição oral imprime características significativas nessas sociedades. Uma delas é o desenvolvimento da atenção do hábito de observar, não apenas o trabalho dos outros, mas os detalhes da natureza, seus ciclos e o comportamento das espécies animais e vegetais [...].

Como a história da sociedade não está registrada em livros, seu aprendizado é feito através dos relatos, das histórias, da lembrança de eventos. Muitos documentos dessa história, ou os seus marcos, distribuem-se pela região: um morro, uma curva do rio, um areial, uma velha árvore, uma pedra de grandes proporções podem ser o elo com o passado, o local que abrigou outrora momentos importantes da história. A natureza fica, assim, impregnada de sinais e símbolos, oferecendo à sociedade um registro de muitas memórias.⁸⁷

Partindo da explicação acima, podemos pensar que os indígenas se utilizam de elementos conhecidos de sua cultura - no caso o couro e o trovão - para descrever um item que, se aparentemente não lhes era totalmente desconhecido, não tinham um nome próprio para descrevê-lo em sua língua. Lobato também poderia ter utilizado o mesmo vocabulário de Staden - no caso, maldito ou homem mau - mas preferiu alterar para demônio, reforçando ainda mais o caráter tido como supersticioso do gentio. No entanto, ao descrever os deuses, sejam eles indígenas ou católicos, Lobato curiosamente relativiza as religiões de uma maneira sutil: quando Staden fala de seu deus, a palavra aparece escrita com letra maiúscula, enquanto que, quando os indígenas falam da mesma divindade, “o deus de Hans [que] se mostrava terrível quando o maltratavam”⁸⁸, o vocábulo é escrito em minúscula, como na conversa entre o índio Alkindar e o europeu.

- “Meu irmão” - concluiu Alkindar - “pensa que o teu deus está zangado com ele.”

Ao ouvir tais palavras o pobre Hans criou alma nova e sem demora confirmou tal suposição.

- “Está zangado, sim, porque insistis em afirmar que sou português quando não é verdade. Ide ter com Nhaepépô e dizei-lhe que volte, que eu falarei a meu Deus para que todos saiem”.⁸⁹

⁸⁷ JUNQUEIRA, Carmen. **Antropologia indígena**: uma nova introdução. 2 ed. São Paulo: EDUC, 2008, p. 60-61.

⁸⁸ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 75.

⁸⁹ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 55.

Essas pequenas diferenças ao longo da obra nos remetem à afirmação anterior ao fim do primeiro capítulo, em que Lobato era acusado de ateísmo. Não cabe aqui uma análise mais profunda das crenças religiosas do autor paulista, mas ao tratar o deus católico como mais uma divindade, relativizando-o aos olhos dos indígenas, pode ter contribuído para irritar certos setores mais conservadores de sua época. No que concerne às visões religiosas pessoais de Lobato, outra passagem de *Aventuras de Hans Staden* pode ser destacada, mais precisamente, o momento que em o alemão é capturado e levado para a tribo em que passará vários meses.

As mulheres pegaram das cordas e puxaram-no para fora. Não sabendo o que queriam dele, Hans procurou consolar-se, recordando os sofrimentos de Jesus Cristo maltratado pelos judeus.⁹⁰

A passagem acima é significativa pois em nenhum momento Hans Staden se compara a Jesus Cristo, ou cita ao longo de sua obra o povo judeu. A decisão de acrescentar que Jesus foi maltratado pelos judeus foi inteiramente de Lobato, o que nos remete à seguinte questão: seria Monteiro Lobato antissemita? Vários autores destacam como a eugenia serviu de base para o nazi-fascismo, e como os eugenistas alemães se serviram da histórica perseguição ao povo judaico, responsável por crucificar o messias católico, para os perseguirem socialmente. No entanto, é importante esclarecer que essa associação entre eugenia e nazismo não é completamente precisa.

Hans Günther e Adolf Hitler serão os responsáveis pela disseminação das ideias racistas ligadas à pureza da raça e à superioridade nórdica na Alemanha. A partir da chegada de Hitler ao poder, as ideias contidas no seu livro *Minha luta* (1925) puderam ser implantadas. Um ano antes de se tornar chanceler - sua posse em 30 de janeiro de 1933 -, a Alemanha havia aprovado o código de regulamentação dos casamentos para os membros da SS obrigando certificados de saúde para as famílias. Além disso, proibia que seus membros tivessem ascendentes judeus ou ex-escravos em sua árvore genealógica. Esse código antecipou as Leis Raciais de 1935, o início da radicalização do regime. Até então, muitos dos geneticistas que defendiam a eugeniização da

⁹⁰ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 42.

Alemanha eram judeus. Por isso, é um duplo erro considerar a eugenia uma especialidade nazista e uma ideologia antissemita.⁹¹

Considerando as limitações deste trabalho, não se fará um estudo mais aprofundado das relações entre o antissemitismo e Monteiro Lobato, mas não deixa de ser curiosa a inclusão e comparação, que poderá ser objeto de estudo em trabalhos futuros.

Se Lobato teve a preocupação em relativizar o uso do vocábulo “deus”, houve uma palavra que o autor reproduziu da mesma maneira que Staden por todo o livro: selvagem. Na época de Staden, o termo significava, simplesmente, o habitante da selva. Hoje em dia, o termo é “usado em sentido pejorativo e preconceituoso para designar povos indígenas”.⁹² Fica a dúvida de sabermos se tratar os indígenas por selvagens no início do século XX era considerado pejorativo ou não. Para não correremos o risco de um julgamento anacrônico, comparamos dois autores contemporâneos de Monteiro Lobato, o não menos polêmico Gilberto Freyre e o historiador Sérgio Buarque de Holanda, para podermos ter uma indicação sobre o uso do vocábulo no período em questão.

Gilberto Freyre, autor de *Casa grande & senzala*, tida como a obra de interpretação do Brasil mais conhecida no país e mais traduzida e editada no exterior,⁹³ era grande admirador de Lobato, ao ponto de considerá-lo “um dos iniciadores mais vigorosos da fase atual da literatura do nosso país”,⁹⁴ chegando os dois a trocar correspondências, pois Freyre buscava a edição de traduções suas pela editora do escritor paulista.⁹⁵ Ao longo do segundo capítulo de *Casa grande & senzala*, o sociólogo pernambucano descreve as contribuições indígenas na formação da família

⁹¹ DIWAN, Pietra. **Op. cit.**, pp. 68-69.

⁹² JUNQUEIRA, Carmen. **Op. cit.**, p. 92.

⁹³ REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. 9 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

⁹⁴ PASSIANI, Enio. **Op. cit.**, p. 139.

⁹⁵ TIN, Emerson. **Em busca do Lobato das cartas**: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas. 2007.

brasileira⁹⁶, e de fato utiliza o termo “selvagem” para descrevê-los. Entretanto, apenas o faz quando se trata de citações de autores que retratavam os anos de dominação portuguesa, e nunca do próprio punho. Quanto a Sérgio Buarque de Holanda, há descrições do encontro entre os ibéricos e os povos autóctones da América ao longo de todo seu livro *Raízes do Brasil*, mas em nenhum momento o historiador utiliza o termo “selvagem”, levando a crer que no início do século XX já era um vocábulo ultrapassado ao falar sobre os indígenas.

Ao tratar os indígenas por “selvagens”, Monteiro Lobato parece querer reforçar o que muitos autores chamam de razão edênica brasileira, ideia de que o território brasileiro é um eterno paraíso natural, com abundantes recursos, sendo “um dom de Deus e da Natureza”, e com um povo pacífico, ordeiro, generoso, alegre e sensual, mesmo quando sofredor. Tal crença “se completa com a suposição de que o que falta ao país é a modernização - isto é, uma economia avançada, com tecnologia de ponta e moeda forte -, com a qual se sentará à mesa dos donos do mundo”.⁹⁷ A razão edênica se faz presente em nossa História desde o primeiro documento escrito sobre o Brasil - a carta de Pero Vaz de Caminha - se repetindo e se reinventando de tempos em tempos, sendo uma presença constante no imaginário do povo brasileiro.

A força persuasiva dessa representação transparece quando a vemos em ação, isto é, quando resolve imaginariamente uma tensão real e produz uma contradição que passa despercebida. É assim, por exemplo, que alguém pode afirmar que os índios são ignorantes, os negros são indolentes, os nordestinos são atrasados, os portugueses são burros, as mulheres são naturalmente inferiores, mas, simultaneamente, declarar que se orgulha de ser brasileiro porque somos um povo sem preconceitos e uma nação nascida da mistura de raças.⁹⁸

E a ignorância dos índios se faz presente ao longo de toda a releitura que Lobato faz de Staden, como já demonstrado em passagens anteriores. O indígena não

⁹⁶ FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. 52 ed. São Paulo: Global, 2013.

⁹⁷ CHAUI, Marilena. Brasil: mito fundador e sociedade autoritária. In: CHAUI, Marilena; ROCHA, André (org). **Manifestações Ideológicas do Autoritarismo Brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013. (Escritos de Marilena Chaui, 2), pp. 149-150.

⁹⁸ CHAUI, Marilena. **Op. cit.**, p. 150.

é visto apenas como ignorante, mas também é preguiçoso, pois enquanto os europeus, mesmo com todo tipo de adversidade, puderam tomar os territórios americanos graças a seu próprio esforço, os nativos são descritos de maneira pusilânime, sendo o oposto dos esforçados e corajosos conquistadores do Novo Mundo.

Apesar disso, como esses quarenta homens fossem dos mais esforçados, mesmo sem auxílio estranho puderam romper os tropeços e penetrar com as provisões na estacada.

Esse fato valeu a vitória para os portugueses. Os sitiados desanimaram de vencê-los e propuseram uma paz que foi logo aceita, retirando-se em seguida para as suas tabas.⁹⁹

Já o mesmo esforço europeu, ao encontrar algum revés, é tido como um azar, nas palavras do autor, um contratempo, e nunca por conta de um possível mau planejamento, ou uma ação imprudente e impulsiva, dando a colonização europeia um sentido finalista e uma vitória que será eventualmente inevitável.

Para cúmulo de má sorte sobreveio a calma e não foi possível entrar no porto. Em vista do contratempo, o capitão desistiu do pau-brasil e deliberou regressar ao reino.¹⁰⁰

Outro exemplo no qual uma derrota de Staden é vista como simples falta de sorte pode ser lida abaixo, quando o alemão finalmente consegue adentrar um navio francês rumo à Europa e é atacado por uma embarcação portuguesa que protegia suas posses ultramarinas.

O triunfo, porém, saiu às avessas. O naviozinho atacado reagiu valentemente e repeliu o escaler. Morreram vários franceses, além de muitos ficarem feridos, entre os quais o próprio Hans.

- Que azar! - exclamou Pedrinho. - Teria graça se depois de livre dos canibais morresse das balas dos peros...¹⁰¹

Quando trata de descrever a abundante natureza do Novo Mundo, Lobato segue dentro da lógica da razão edênica, na qual a o mundo Renascentista enxergava os

⁹⁹ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 18.

¹⁰⁰ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 20

¹⁰¹ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 78.

territórios recém-descobertos como a possibilidade de confirmação da existência de diversas lendas antigas medievais.

Do ponto de vista simbólico, as grandes viagens são vistas como um alargamento das fronteiras do visível e um deslocamento das fronteiras do invisível para chegar a regiões que a tradição dizia impossíveis (como a dos antípodas) ou mortais (como a zona tórrida). Os mapas do período inicial das navegações são cartografias do real e do fabuloso e as primeiras viagens não trazem apenas novas mercadorias e novos saberes, mas também trazem novos semióforos: os países exóticos (Índia, China e Japão) e um Mundo Novo, no qual se julga haver reencontrado o Paraíso Terreal, de que fala a Bíblia e de que falam os escritos medievais. Assim, as viagens de descoberta e de conquista, alargando o visível e atando-o a um invisível originário - o Jardim do Éden - produzem o Novo Mundo como semióforo.¹⁰²

Em outras palavras, para os aventureiros do início do século XVI, entre eles Hans Staden, visitar a América era comprovar a existência - ou não - do próprio paraíso e de todas as maravilhas descritas na Bíblia e em outras lendas medievais, sendo a viagem mais que uma simples aventura: era uma chance de se purgar os pecados, garantia de morada eterna ao lado dos santos. Os sofrimentos padecidos aqui se comparam ao processo de purificação vivido Dante Alighieri em sua Divina Comédia, reforçando o imaginário medieval existente.

Paraíso terrestre pela natureza, inferno pela humanidade peculiar que abrigava, o Brasil era purgatório pela sua relação com a metrópole. Homens danados podiam alcançar os céus através do esforço honesto, do trabalho diário, da sujeição à vontade metropolitana. O sistema colonial perpetuava a purgação: lançava sobre a colônia os elementos indesejáveis, prometendo-lhes o Éden [...] e iniciando sua purificação através do exílio ritual representado pela travessia atlântica.¹⁰³

O que é o Paraíso Terrestre? Antes de tudo, o jardim perfeito: vegetação luxuriante e bela (flores e frutos perenes), feras dóceis e amigas (em profusão inigualável), temperatura sempre amena (“nem muito frio, nem muito quente”, repete toda a literatura), primavera eterna contra o “outono do mundo” de que se falava no fim da Idade Média, passa a se referir ao sentimento de declínio de um velho mundo e à esperança de restituição da origem, ideias vigorosamente retomadas

¹⁰² CHAUI, Marilena. **Op. cit.**, p. 194-195

¹⁰³ SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 116.

pela Renascença, [...] que, [...] elaboram utopias de cidades perfeitas guiadas pelo Sol e pelos “sete planetas”, fonte da futura elaboração da imagem do Brasil como Eldorado.¹⁰⁴

Para os “aventureiros” do século XVI a viagem à América significava não apenas uma chance de conhecer o paraíso terrestre e livrar de seus pecados, mas ainda a possibilidade de encontrar riquezas infinitas. Entretanto, o que significaria o Eldorado para um escritor que descreve as mesmas terras quatrocentos anos depois, quando boa parte desse imaginário já havia sido - ou deveria ter sido - desfeito? Como dito acima, a razão edênica se reinventa e se adapta aos novos tempos, e nunca conseguimos totalmente nos livrar da relação Brasil/Paraíso, tampouco Monteiro Lobato, que recorre a essa ideia ao longo das *Aventuras*. A longa passagem abaixo revela um Lobato que, mesmo conhecendo o desenrolar do que aconteceu com as hipotéticas riquezas do Eldorado, se mostra pessimista e assume a colonização portuguesa como um fracasso, incluindo, inclusive, um pequeno traço de lusofobia em sua descrição.

Já conhecedor da terra descoberta pelos portugueses, quis conhecer também os domínios dos espanhóis na América. O Rio da Prata e o Peru deslumbravam todas as imaginações com a fama das suas riquezas. O sonho dos aventureiros consistia em virem juntar ouro do chão, enchendo grandes sacos que os enriquecessem para o resto da vida.

- Mas era assim mesmo, vovó?

- Era. Nas jazidas à flor da terra e no cascalho de certos rios o ouro realmente abundava de maneira maravilhosa, e o que os portugueses e espanhóis tiraram da América não tem conta. Foram milhares e milhares de arrobas!

- Por que, então, não se tornaram esses países os mais ricos do mundo? - perguntou Pedrinho.

- Porque não souberam guardá-lo. - respondeu Dona Benta. - Não basta ganhar, é preciso conservar, coisa muito mais difícil. Todo o ouro que Portugal tirou do Brasil foi se passando aos poucos para os países industriais, sobretudo para a Inglaterra, em troca dos produtos das suas fábricas. Quando os portugueses abriram os olhos, era tarde - **o ouro do Brasil estava todo em mãos de gente mais esperta.**¹⁰⁵

¹⁰⁴ CHAUI, Marilena. *Op. Cit.*, p. 197.

¹⁰⁵ LOBATO, Monteiro. *Op. cit.*, p. 21, grifo nosso.

A crença da América como o Paraíso terrestre mais uma vez sendo reinventada aqui, porém com uma crítica de que os colonizadores não souberam aproveitá-la, causando o subdesenvolvimento não somente dos países ibéricos, mas também, e conseqüentemente, de suas colônias. Sempre preocupado com a superação do atraso brasileiro em relação aos países europeus e, tendo como principal referência máxima de desenvolvimento os Estados Unidos, o autor frisa que parte da razão de nosso subdesenvolvimento estava nos povos ibéricos, que não souberam aproveitar as riquezas daqui extraídas, que acabam na mão de gente mais capaz, que soube utilizar estes mesmos recursos e se industrializar, objetivo último que qualquer país que queira ser autossuficiente.

Enfim, qual era a causa do atraso brasileiro? Excesso de estrangeirismo ou o peso insuportável das tradições agrárias? As importações não eram somente nos hábitos e estilos, mas também de mercadorias industrializadas, desfavorecendo a balança comercial e acentuando a dependência econômica.¹⁰⁶

Se uma das causas de nosso atraso estava no fato de que não havíamos sido colonizados por gente mais apta - por lobos ao invés de cordeiros - fica o seguinte questionamento: como Lobato, aliado a suas crenças eugenistas, entende e justifica o projeto colonizador português? Voltaremos nossos olhos para esse tema agora.

3.2 Justificando a colonização

Monteiro Lobato assume que o projeto colonizador ibérico foi um fracasso. Teríamos sido mais desenvolvidos caso os franceses tivessem aqui chegado primeiro? No que diz respeito à posse da terra, Lobato admite que o direito de nos colonizar cabia aos portugueses.

A França julgava-se com tanto direito de explorar essas terras como Portugal, mas tais terras pertenciam a Portugal e a Espanha, que haviam tomado posse delas antes dos outros. Terra naquele tempo era de quem primeiro a pegava.¹⁰⁷

¹⁰⁶ RODRIGUES, Davidson de O. **Op. cit.**, p. 46.

¹⁰⁷ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 13.

Esse seria o momento ideal em que Pedrinho questionaria sua avó que, partindo da mesma lógica acima apresentada, a terra deveria pertencer aos indígenas. Sem embargo, as crianças seguem caladas ouvindo-a contar a história de Staden. A colonização é justificada pelo fato das terras estarem vazias, pois em todos os momentos que Lobato utiliza o tempo “civilização” ao longo da obra, ele sempre se refere aos assentamentos de europeus.

Em seguida, os marinheiros tomaram um bote e saíram a fazer um reconhecimento.

Subiram por um canal, inspecionando as margens, a ver se descobriam alguma fumaça, **indício certo de humanidade**.

[...]

No outro dia pela manhã meteram-se pela terra adentro. Estavam convencidos de que **o lugar era habitado e tinham esperanças de encontrar algum morador**. Logo adiante lhes apareceu uma grande cruz de madeira, fincada num monte de pedras.¹⁰⁸

Humanidade, moradores, habitação, formas de religiosidade europeias - todas essas palavras aparecem no livro somente quando se refere aos homens brancos. Ainda que os portugueses não fossem a melhor opção para ocupar estas terras, era melhor que deixá-las completamente desabitadas, na visão de Lobato. A desumanização do gentio é um tema que novamente se remete à razão edênica nas terras americanas, desde a chegada de Colombo, como modo de justificar a escravização e cristianização dos povos que aqui habitavam.

Para justificar a necessidade de cristianização, havia que denegrir os homens autóctones. Denegrindo-os, estava justificada a escravização. Colombo inaugurou assim o movimento duplo que iria perdurar por século em terras americanas: a edenização da natureza, a desconsideração dos homens - bárbaros, animais, demônios. Esta tendência - associar os homens da colônia a animais ou a diabos - se agudizaria posteriormente.¹⁰⁹

Não apenas isso. Quando Pedrinho finalmente pergunta se a terra não era dos indígenas por direito, Dona Benta enxerga nos nativos uma passividade que justifica

¹⁰⁸ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 26.

¹⁰⁹ SOUZA, Laura de Mello e. **Op. cit.**, p. 53.

tomada de suas posses, retornando à já anteriormente citada ociosidade indígena, e alegando motivos que mais uma vez se referem às crenças eugênicas de Monteiro Lobato.

- Mas os portugueses tinham direito a isto aqui ou não? O Brasil não pertencia aos índios?
- O direito dos portugueses era o direito do mais forte. **Os índios deixaram-se** vencer e desse modo perderam a terra que até então haviam possuído.¹¹⁰

Lobato assume que a culpa pela derrota é da própria vítima que, sendo mais fraca, deixou-se vencer, perdendo assim naturalmente o direito de posse das terras, desqualificando desse modo as lutas por terra que ocorreram - e que todavia ocorrem - entre os nativos e o homem branco ao longo de nossa História. Desumanizando os nativos, estava justificada a colonização. No que diz respeito à escravidão, Monteiro Lobato a justifica de modo bastante sutil, especialmente no que diz respeito à introdução de mão-de-obra africana em detrimento do uso dos indígenas. Paula Habib aponta que o autor deixa nas entrelinhas a crença de uma “maior docilidade da raça negra, sendo motivo de sua escravidão”.¹¹¹ Em outras palavras, as revoltas indígenas - povo que paradoxalmente se deixou vencer - atrapalhavam o projeto colonizador, a ocupação das terras portuguesas por uma “civilização” propriamente dita.

- [...] Duarte Coelho contou-lhe que estavam em má situação, em vista de se terem revoltado os selvagens daquela zona.
- Por quê, vovó?
- Porque os colonos haviam capturado e escravizado alguns selvagens. A raça vermelha, ou índia, nunca suportou a escravidão. Preferia a morte, e se não fosse a ganância dos brancos, quer portugueses, quer espanhóis, ganância que os levou a insistir na escravização dos índios, não teria havido nas América os horrores que houve.¹¹²

Quando Lobato lamenta os horrores da colonização, utiliza-se mais uma vez da linguagem cientificista de sua época, buscando classificar os povos entre mais e menos evoluídos. Dentre as já apontadas contradições do escritor, a passagem abaixo tenta

¹¹⁰ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 42, grifo nosso.

¹¹¹ HABIB, Paula A. B. B. **Op. cit.**, p. 147.

¹¹² LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 16.

conscientizar os leitores dos horrores da ocupação do Novo Mundo, chegando a autor a apoiar-se em uma rudimentar Teoria da História.

- Quer isso dizer que se os portugueses houvessem tratado com justiça aos selvagens do Brasil eles seriam amigos - observou Pedrinho.
- Certamente - respondeu Dona Benta. - Mas os conquistadores do Novo Mundo, tanto portugueses como espanhóis, eram mais ferozes que os próprios selvagens. Um sentimento só os guiava: a cobiça, a ganância, a sede de enriquecer, e para o conseguirem não vacilaram em destruir nações inteiras, como os astecas do México e os incas do Peru, povos cuja civilização já era bem adiantada.
- Mas como é então, vovó, que esses homens são gloriosos e a história fala deles como grandes figurões?
- Por uma razão muito simples: porque a história é escrita por eles. Um pirata quando escreve a sua vida está claro que se embeleza de maneira a dar a impressão que é um magnânimo herói.¹¹³

O que o autor falhou em notar é que ele mesmo contribuiu para embelezar as histórias por ele criticadas. Lobato parece lamentar a destruição dos Incas e Astecas pelo único motivo de serem povos mais adiantados, garantindo-lhes, inclusive, os títulos de civilização e de nação, mesmo que tenham sido invadidos por “conquistadores”. Não apenas isso, ao mesmo tempo que os europeus são descritos como moradores, que deixam em seus assentamentos indícios de humanidade, os indígenas brasileiros, quando tratam de defender seu território, são constantemente chamados de inimigos, assumindo assim o autor uma posição clara no que diz respeito ao direito de ocupação destas terras.

Logo depois os tupinambás, vendo que seria difícil passarem ao alcance desse novo forte, ladearam a Bertioga e caíram de improviso sobre São Vicente, matando e aprisionando muito moradores. Em vista disso os vicentinos cuidaram de erguer segundo forte em ponto que impedisse nova incursão daqueles terríveis inimigos.¹¹⁴

Mais alguns traços das contradições nos escritos de Lobato aparecem nessas duas passagens acima. No trecho anterior o autor sugere uma possível amizade entre indígenas e portugueses, na citação acima, assim como em vários outros trechos do livro, os índios são sempre vistos como os “terríveis inimigos”, e raramente como povos

¹¹³ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 44.

¹¹⁴ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 34.

que lutavam para a preservação de seus territórios. Ao mesmo em tempo que há uma crítica àqueles que escreveram a História, por glorificarem seus feitos horrorosos, Lobato segue glorificando os portugueses, que ao serem atacados por tupinambás durante a madrugada afirma que eles “resistiram bravamente. Mas foram vencidos, embora pudessem milagrosamente fugir”¹¹⁵. Os advérbios utilizados - bravamente e milagrosamente - são indicativos de uma clara preferência aos portugueses à luta pela colonização. Além disso, a sorte parece sempre ser um fator favorável à ocupação lusitana, comprovando a imaginária superioridade inata dos portugueses em relação ao gentio.

- Domingos, Diogo e seus companheiros resistiram com extrema bravura durante duas horas. Resistiram a trinta canoas! Afinal as suas flechas esgotaram-se! Os tupinambás, então, deram-lhes em cima, capturando a uns e matando a outros. Os irmãos Braga tiveram a sorte de não receber nenhum ferimento.¹¹⁶

A civilização precisava se estabelecer contra a barbárie, afinal de contas, os índios tinham hábitos tidos por grotescos: comiam carne humana, se embriagavam e eram portadores de doenças, qualidades todas abomináveis pelos eugenistas.

Uma das principais bandeiras eugenistas era a luta contra os chamados “vícios” da civilização moderna como por exemplo, os “prazeres da vida” como disse D. Benta, ou o álcool, a vida desregrada que, para Kehl e seus companheiros, era um dos principais fatores de degeneração da raça.¹¹⁷

O mundo indígena, apresentado nas *Aventuras* como algo disforme provocado pelo canibalismo, monstruoso, desumano e grotesco¹¹⁸, é também um mundo de prazeres da vida. O cauim, bebida indígena, sempre aparece associada ao canibalismo, criando uma sensação de repugnância que, considerando o projeto educacional de Monteiro Lobato, demonstra que o autor buscava criar em seus leitores uma possível aversão a tais hábitos, em especial a bebida, que “era vista como um

¹¹⁵ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 33.

¹¹⁶ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, pp. 70-71.

¹¹⁷ HABIB, Paula. A. B. B. **Op. cit.**, p. 155.

¹¹⁸ DUARTE, Lia C. **Op. cit.**, p. 250.

fator de degenerescência do homem podendo exercer um papel desaglutinador na família e principalmente, desviar o homem do trabalho”.¹¹⁹

Em frente à cabana de Ipiru, onde residia Hans, ficava a cabana do cacique Tatamiri (foguinho). Este chefe deu uma festa: mandou preparar muito cauim e forneceu o assado: a carne de Jorge Ferreira, o filho do capitão português.
Os convidados beberam, comeram e cantaram numa grande alegria.¹²⁰

Em uma época na qual os Estados Unidos eram vistos por Lobato não apenas como exemplo de industrialização, mas também como exemplo moral devido à implantação da lei seca, não é totalmente descabido pensar que o autor buscava associar o álcool a hábitos bizarros, como a antropofagia, buscando assim instruir as crianças que fariam parte do seu projeto de Brasil. Os eugenistas acreditavam que o alcoolismo era uma doença social que provinha de uma herança genética degenerada, tendo o próprio Lobato afirmado em 1914 que a pinga era a Patrona da Raça do Jeca Tatu, culpando a bebida pelos problemas dos caboclos, sendo ela uma forma de esquecer os problemas, uma fuga¹²¹.

Sendo a “raça vermelha” inferior na escala evolutiva, não é de se estranhar a surpresa de Lobato ao descrever o “grande chefe tupinambá, Cunhambebe, um dos poucos selvagens que deixaram nome em nossa história”¹²². Mais uma vez o autor se contradiz quando se admira de um indígena ser conhecido, ignorando a própria advertência que os que escrevem a História tendem a embelezá-la, ao mesmo tempo em que inconscientemente admite, mais uma vez, estar do lado daqueles que a escreveram, ao falar de um dos poucos indígenas que deixou seu nome em *nossa* história. Cunhambebe é descrito como terrível comedor de inimigos, mas também audacioso e hábil, um guerreiro de valor, o que lhe valeu o uso de adjetivos que até então só eram utilizados para descrever europeus. No entanto, o indígena também é um homem entregue aos prazeres, atitude reprovável aos olhos das crianças do *Sítio*,

¹¹⁹ HABIB, Paula. A. B. B. **Op. cit.**, p. 49.

¹²⁰ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 74.

¹²¹ HABIB, Paula A. B. B. **Op. cit.**, p. 49-50.

¹²² LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 47.

e aos olhos de Hans Staden, personagem ao qual lhe é atribuído um lampejo de razão em meio à barbárie antropófaga.

Em outra ocasião, Hans Staden encontrou-o sentado à frente de uma grande cesta de carne humana. Cunhambebe estava comendo uma perna, que chegou à boca de Hans, perguntando-lhe se gostava.

Hans repeliu o horrível assado, dizendo que, se nenhum animal irracional comia o seu semelhante, como podia um homem comer a outro?

O antropófago cravou os dentes na carne, arrancou um naco e respondeu com a boca cheia:

- “‘Jauará ichê’ (sou um tigre). Está gostoso!”

- Realmente, que tigre! - exclamou Narzinho horrorizada, olhando para Pedrinho, que dessa vez não teve ânimo de defender o canibal.¹²³

Ignorando o curioso erro biológico, pois no original o chefe indígena não diz ser um tigre, mas sim uma onça, Hans Staden se apresenta aqui como um ideal de homem eugênico: recusa os prazeres da carne à luz da razão. Cunhambebe, mesmo sendo “guerreiro de valor”, representa a selvageria, a incivilidade que deve ser substituída pela civilização que, como dita anteriormente, é uma qualidade associada apenas pela ocupação europeia. Se na obra original o hábito de comer carne humana é reprovável por desagradar ao deus católico, em Lobato é um veneno terrível que causa doenças¹²⁴, e o corpo doente era a prova do atraso e subdesenvolvimento de nosso país, um país de caboclos que herdou hábitos e, possivelmente doenças, dos povos autóctones. A precariedade das condições de saúde dos povos interioranos no Brasil do século XX era algo visto pelo autor paulista como a grande causa dos problemas do país, tendo inclusive publicado uma obra que tratava exclusivamente disso: *Problema Vital*, coletânea que reúne vários textos que haviam sido publicados em periódicos, nos quais afirma contundentemente que a grande missão era uma só: “sanear o Brasil. Todo programa de ação que não adotar este lema será um programa criminoso”¹²⁵.

No entanto, como dito anteriormente, a eugenia buscava um saneamento que ia além dos programas de saúde, um saneamento físico, moral, racial e educacional, com

¹²³ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 50.

¹²⁴ LOBATO, Monteiro. **Op. cit.**, p. 57.

¹²⁵ LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Globo, 2010, p. 48.

o objetivo de criar uma raça de brasileiros perfeitos, pois “a eugenia, um instrumento científico, apresentava-se como a ciência do aperfeiçoamento da raça, com a finalidade de hierarquizar a população para ordená-la.”¹²⁶ Em outras palavras, Lobato utilizava-se dos conceitos científicos de seu tempo para justificar, a seu modo, uma espécie de nova colonização: a da ciência sobre o senso comum; do conhecimento técnico sobre o barbarismo herdado de raças inferiores que haviam feito o Brasil falhar enquanto raça, e o relato Hans Staden é a prova de que a hegemonia científica, mesmo com todos os reveses e contratempos, sobrevive à falta de civilização.

E como já disse o doutor ao Jeca Tatu:

Pois é isso, seo Jeca, e daqui por diante não duvide mais do que a Ciência disser.¹²⁷

¹²⁶ HABIB, Paula A. B. B. **Op. cit.**, p. 50.

¹²⁷ LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Globo, 2010, p. 106.

Considerações finais

Este trabalho procurou demonstrar como Monteiro Lobato utilizou-se de uma obra do século XVI, *Viagem ao Brasil* de Hans Staden, livro carregado do imaginário Renascentista, no qual se acredita que o Novo Mundo era povoado por toda a classe de seres disformes, monstros ao mesmo tempo em que era o próprio paraíso descrito na Bíblia Católica. Lobato transformou esta obra em um livro de seu tempo e com suas crenças: positivista, cientificista e, principalmente, eugenista.

Não foi nosso intuito, em nenhum momento, desqualificar e/ou diminuir a importância de Lobato no panteão de grandes autores brasileiros. Esta análise buscou mostrar as contradições que estão nas entrelinhas de *Aventuras de Hans Staden*, sendo apenas uma pequena contribuição em problematizar alguns dos valores que o autor de Taubaté passa a seus leitores, sobretudo quando consideramos que sua obra, de uma maneira geral, é ainda hoje muito utilizada em projetos educacionais, sejam eles escolares, teatrais, televisivos ou cinematográficos.

É de nossa crença que apontar as contradições no rico universo do *Sítio do Picapau Amarelo* não significa desvalorizar ou desmerecer o que foi criado. Muito pelo contrário: ao mantermos o debate sobre esse assunto estamos contribuindo para a longevidade desses personagens, que encantaram e ainda encantam gerações e gerações de brasileiros. Estudar a obra infantil de Lobato é manter vivos os conhecimentos de Dona Benta, a coragem de Pedrinho, o carinho de Narizinho, o amor à ciência de Visconde de Sabugosa, a afetividade de Tia Nastácia, e o humor de Emília.

No entanto, não podemos deixar de considerar que todos esses personagens são diferentes facetas de um homem que viveu entre nós, e tal qual somos, teve suas contradições, inúmeras qualidades e também, assim como qualquer ser humano, defeitos. Dessacralizar Monteiro Lobato é um trabalho que, para um aficionado de sua obra como este que escreve este trabalho, se torna tão prazeroso quanto penoso, pois

me obriga a revisitar livros com os quais me formei como leitor, ao mesmo tempo em que me demonstra aspectos que outrora passaram despercebidos, sendo uma tarefa às vezes reveladora e outras vezes frustrante, já que apontar os defeitos de um ídolo é algo que pode ser desgastante. Porém, Nietzsche¹²⁸ já nos ensinava que ídolos existem para serem martelados, destruídos, despídos de suas vestes sagradas para que vejamos neles apenas seus aspectos mais puros, seu caráter humano.

Ao final, conhecer o Lobato humano se torna, mesmo com todos os seus defeitos, algo extremamente positivo.

¹²⁸ NIETZSCHE, Friedrich W. **Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

Referências

ALCANFOR, Lucilene Rezende. **Produção e circulação das obras didáticas de Monteiro Lobato**. Dissertação de Mestrado pelo programa de pós-graduação em História, Política e Sociedade da PUC-SP, 2010

BIZZO, Nélio. **Meninos do Brasil: ideias de reprodução, eugenia e cidadania na escola**. São Paulo: Editora do Brasil, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **O Motivo Edênico no Imaginário Social Brasileiro**. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 13, n. 38, Oct. 1998

CHAUI, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. In: CHAUI, Marilena; ROCHA, André (org). *Manifestações Ideológicas do Autoritarismo Brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013. (Escritos de Marilena Chaui, 2)

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusóé**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

DIWAN, Pietra. **Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. 2. ed. São Paulo: Contexto 2015.

DUARTE, Lia Cupertino. **Lobato Humorista: a construção do humor nas obras infantis de Monteiro Lobato**. – São Paulo: Editora Unesp, 2006

FERES JÚNIOR, João; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes; EISENBERG, Zena Winona. **Monteiro Lobato e o Politicamente Correto**. In: *Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol. 56 nº1, 2013. PP 69 a 108

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. 52^o ed. São Paulo: Global, 2013

FUNARI, Pedro Paulo e NOELI, Francisco Silva. **Pré-História do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto 2009

HABIB, Paula. A. B. B. **Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou**: raça, eugenia e nação. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

JUNQUEIRA, Carmen. **Antropologia Indígena**: uma nova introdução. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2008

LOBATO, Monteiro. **Aventuras de Hans Staden**. 2 ed. São Paulo: Globo 2011

LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. 2^o ed. São Paulo: Globo. 2011.

LOBATO, Monteiro. **O Presidente Negro**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009

LOBATO, Monteiro. **Problema Vital, Jeca Tatu e outros textos**. São Paulo: Globo, 2010

MESGRAVIS, Laima; PINSKY, Carla B. **O Brasil que os europeus encontraram**: a natureza, os índios, os homens brancos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

NIKITIUK, Sônia L. **Repensando o ensino de história**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001

O'GORMAN, Edmundo. **A Invenção da América**. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992

PASSIANI, Enio. **Na trilha do Jeca**: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. 9º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

RODRIGUES, D. O. **Jeca Tatu e a urbe maravilhosa**. Campo, cidade e modernização nacional na obra de Monteiro Lobato (1900-1930). Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. SP: Brasiliense, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso, in: SEVCENKO, N. (org.). **História da Vida Privada no Brasil (v. 3)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Sol do Brasil**: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SPAGNOLI, Camila R. de A. **Monteiro Lobato, o leitor**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Identidades Brasileiras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

STADEN, Hans. **Duas Viagens ao Brasil**: primeiros registros sobre o Brasil [recurso eletrônico]. Porto Alegre: L&PM, 2011

STADEN, Hans. **Viagem ao Brasil**. São Paulo: Martin Claret. 2012.

TIN, Emerson. **Em busca do Lobato das cartas**: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas. 2007.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. 4. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes: 2010

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

